

1953 — ANO DAS GRANDES LUTAS DO PROLETARIADO

VOZ OPERÁRIA

N. 226 ☆ Rio de Janeiro ☆ 12/9/53



VERIFICOU-SE impetuoso crescimento das lutas da classe operária brasileira, de 1951 para cá. Em 1951 mais de 200.000 trabalhadores participaram do movimento grevista. Em 1952 o número de grevistas cresceu para 500.000 e em 1953, que vem se caracterizando como um ano de grandes lutas da classe operária, essa cifra já foi superada de muito: — estamos a 4 meses do final do ano e o número dos que participaram dos movimentos grevistas já está a caminho de UM MILHAO!

Está claro para todos que a classe operária brasileira se alça vigorosamente na luta por suas reivindicações e direitos. Empunhando firmemente a bandeira da unidade de ação, elevando mais e mais sua consciência política, nosso proletariado empenha-se cada vez mais nos grandes combates de classe que o colocaram definitivamente na posição de vanguarda e força dirigente de toda a nação.

A que se deve esse magnífico ascenso de nossas lutas? Por que não se desenvolveram antes grandes lutas como as de que participamos hoje em dia? Não eram já brutais a exploração e a opressão a que nós, trabalhadores, éramos submetidos em 1951 e mesmo antes? Por que então, não iam além das lutas parciais, geralmente limitadas a uma empresa e até a uma só seção?

★

A C.T.B. — a única Central Sindical dos Trabalhadores Brasileiros

Artigo de RAMIRO LUCCHESI

★ Leia na TERCEIRA PÁGINA. ★

A história do movimento operário de nossa pátria guardará este flagrante: a gigantesca passeata contra a carestia, a 18 de março em São Paulo, às vésperas da greve dos 300.000.

O P.C.B. — VANGUARDA DA CLASSE OPERÁRIA

Olhando hoje, com justo orgulho, o caminho percorrido, sentimos como proletários que o êxito de nossas lutas, as experiências adquiridas, as vitórias conquistadas, não se devem somente à esplêndida combatividade demonstrada. Esse fator indispensável nem mesmo se teria podido manifestar de modo completo sem esse outro elemento: — a direção dos comunistas, a justa orientação traçada para as lutas pelo Partido de vanguarda de nossa classe, pelo Partido Comunista do Brasil, o Partido de Prestes.

— «Quem dirigiu a greve dos 300.000?»

Quando esta pergunta é feita a nossos irmãos de classe da capital paulista, a resposta vem unânime: O PARTIDO.

É um fato incontestável. O pioramento de nossas condições de vida em consequência da política de guerra, de esfomeamento e traição nacional praticada pelo governo de Vargas, por si

só, não explicaria o nível de combatividade, de organização e unidade atingido em tão pouco tempo pelas lutas operárias. O P.C.B. tem sido um fator decisivo nessas lutas. A classe operária sabe disso, une-se cada vez mais estreitamente em torno do Partido, e envia seus elementos de vanguarda, aos milhares, para reforçar as fileiras do Partido.

Recordemos os fatos.

Em 1951, atemorizado com o crescimento das lutas, Getúlio lançou a primeiro de maio a palavra-de-ordem demagógica de «sindicalização em massa», a fim de que os trabalhadores pudessem, dizia o demagogo, «apoiá-lo», ajudá-lo a «libertar-se» dos tubarões e especuladores. Vargas pretendia com isso realizar uma grande manobra de envolvimento da classe operária, queria prender os trabalhadores nas malhas de seu sindicalismo ministerialista e patronal para sufocar o desenvolvimento das lutas. Ao mesmo tempo, lançava tanques, metralhadoras e até

navios de guerra contra os «recalcitrantes» que iam à greve, como fez logo em seguida no caso das greves dos ferroviários gaúchos e dos têxteis de Belém do Pará.

Sim, os fatos desnascaram sua política. O proletariado começou realmente a ingressar em massa nos sindicatos e não para «apoiar» Getúlio, mas atendendo ao apelo que a querida central sindical dos trabalhadores brasileiros — a C.T.B. — lançou a 8 de junho de 1951 e que dizia:

«Companheiros! Aos sindi-

catos, para lutar por todos os meios contra a carestia da vida e por aumento de salários. Aos sindicatos, para lutar por assembleias livres e soberanas e pelo direito de livre escolha das diretorias dos sindicatos. Aos sindicatos, para lutar pela unidade da classe operária. Aos sindicatos companheiros, para lutar pela Paz, contra os preparativos de guerra que trazem fome e sofrimentos para os operários.»

CONTINUA NA PÁG. CENTRAL

★

Milhões de Camponeses Erguem a Cabeça

★ Reportagem na 5a. Pág.

Voz dos leitores

DENUNCIA DA REFINARIA DO CUBATAO

UM ANTRO DE ENTREGUISMO

Quem manobra com a refinaria de petróleo de Cubatão são os americanos. Eles controlam os trabalhos, os salários e demais questões da refinaria. Os americanos

costumam embriagar-se. Então, segunda-feira é dia de chegarem bêbados. Nesses momentos, neçam despedir os operários e funcionários que encontram.

Uma das primeiras coisas que os americanos providenciaram foi duas cadeias na refinaria. Os operários ganham salários de fome, de seis, sete e oito cruzeiros. Os operários especializados são os que ganham mais. Mas também são prejudicados, pois não são classificados com justiça.

A primeira refeição servida na refinaria é considerada comida de presos. Essa comida consta de feijão, arroz e um bife que parece isca para pescar. Quem se recusa a comer está sujeito a prisão pelos policiais da refinaria e ser levado para uma das cadeias existentes na refinaria.

Os operários que moram em Santos e S. Vicente não têm condução suficiente. O americano Jaques de tal quis agredir um engenheiro brasileiro, que foi queixar-se ao general encarregado da direção da refinaria. Este respondeu que nós temos que tolerar tudo isso até montar a refinaria e que depois entregaremos tudo isso aos japoneses.

Assim é a refinaria de Cubatão, um antro de entreguismo e de exploração do trabalhador brasileiro, onde os gringos oprimem e insultam nossa gente. (Do correspondente da VOZ na Refinaria de Cubatão, São Paulo.)

Ganham só Cr\$ 25,00 Por Dia

ITAPERUNA, julho (Do correspondente) — Enquanto os tubarões sonem gêneros alimentícios, escondendo-os, trabalhadores desta cidade, como nas demais cidades do Brasil, vivem sob o mais duro regime de fome.

Com olhos para ver e coração para sentir, percorremos, no dia 27 do mês acima, vários botequins, tendinhas e restaurantes de tipo inferior desta cidade. Num bar, situado à Rua Assis Ribeiro, onde se fornece um magro prato de sopa, a razão de 3 cruzeiros cada, encontravam-se àquela hora, ingerindo essa sopa, vários trabalhadores, cujos salários não vão além de 25 cruzeiros. Visávamos, também, outro estabelecimento do gênero, localizado em frente das oficinas da «Ford». Ali, o seu proprietário adota o sistema de fornecer aos seus clientes trabalhadores, um prato raso «arrumado», ou mal «arrumado», como diz o povo, ao preço de 8 cruzeiros, em cujo bôjo só leva uma conchinha de feijão, um pouquinho de arroz e um naquinho de carne, numa flagrante prova de que os trabalhadores desta terra acham-se, de fato, sob um autêntico regime de fome.

Os tubarões Mário, Carlos e Domingos Aprili, da Fábrica Bandeirantes de Tapetes Sociedade Anônima perseguem os operários e pretendem demitir os mais velhos na empresa, para admitir outros com salários mais baixos. O operário Pedro da Tinturaria foi chamado pelo carasco «Domingão» Aprili que lhe propôs um acordo imoral. Quer por toda a lei que o operário concorde em receber apenas a metade da indenização. O operário Pedro recusou. Domingão se vingou despedindo o filho de Pedro sem motivo nenhum.

DENÚNCIA DOS TUBARÕES APRILI

Ganham Rios de Dinheiro e Obrigam os Operários a Apertar o Cinto

(Do correspondente da Fábrica Bandeirantes de Tapetes)

Quem chegar um minuto atrasado perde o dia e o descanso remunerado. Dessa forma aumentam ainda mais os lucros dos patrões. É por isso que Mário Aprili pôde gastar

6 milhões de cruzeiros quando se candidatou a deputado pelo PTB do esfomeador Getúlio, nas eleições passadas. Quando conquistamos os 32% os patrões escreveram que esse aumento era dado em situação precária. Mas aconteceu que, segundo corre por aqui, foram gastos milhares de cruzeiros no aniversário da filha de «Domingão». Mário Aprili comprou um palacete de três milhões de cruzeiros e seu pai, o velho Aprili anda gastando a gaita na Itália e os filhos também vão para lá passar férias. Fala-se que quando a firma vende pouco, vende seus seis milhões de cruzeiros mensais. A fábrica tem apenas 300 operários mas os lucros dão para comprar maquinaria moderna e o «Domingão» trouxe da Holanda uma fiação nova. Os Aprili andam em automóveis de luxo e ganham rios de dinheiro enquanto obrigam a nós, os operários, a apertar o cinto.

É por isso que nós, os explorados, devemos nos organizar no nosso sindicato para lutar pelo direito à vida, por uma sociedade onde jamais possam existir Aprilis, esses capitalistas que são os maiores inimigos do nosso bem-

recebemos a seguinte carta: «São Paulo, 7 de setembro de 1953.

Prezado Diretor da VOZ OPERÁRIA

Pedimos sua atenção para o seguinte:

1 — Apesar de que, por nossa debilidade política e auto-suficiência, não estarmos utilizando ainda a VOZ OPERÁRIA, como instrumento de trabalho pensamos em superar essa debilidade.

Isso se deve ao fato de estarmos começando a compreender que uma sistemática utilização da VOZ OPERÁRIA, pode, com a maior rapidez, unificar o nosso pensamento político e fazer chegar rapidamente uma orientação justa às grandes massas.

2 — Entretanto, neste sentido, temos encontrado uma dificuldade. É que a VOZ OPERÁRIA não trata de certos assuntos centrais com a necessária antecedência. Vamos citar dois fatos:

Capanga da «Light» Persegue os Operários

(Do correspondente da Light na capital paulista)

É uma velha tradição dos operadores descansar quando está de serviço no horário da noite. Este costume não prejudica o serviço, pois enquanto o operador descansa o ajudante cuida do equipamento, e vice-versa.

No entanto, ultimamente os operadores vêm sendo perseguidos pelo chefe da seção de Operação, Clarence Capps, que é um sabujice servil da «Light», um feroz perseguidor dos operários.

Atas horas da noite, esse Capps percorre de automóvel as casas de força e suspende sumariamente, por cinco dias, os operadores que encontra dormindo.

A edição especial comemorativa da «Conferência da Mantiqueira» veio depois da data, apesar de que, em número anterior tenha dado uma página sobre o assunto. Achamos que esta página foi uma grande ajuda, entretanto, se a edição especial saísse uma semana antes da data a ajuda seria melhor. A edição, com o editorial sobre o 7 de Setembro e matérias sobre a luta pela independência nacional chegou em nossas mãos na segunda-feira, quer dizer, no próprio dia 7.

3 — Pensamos que a mesma coisa deve acontecer com os operários que fazem o seu jornal de empresa, para os agitadores que se preparam para palestras e comícios, para intelectuais, etc. Pensamos que a orientação antecipada da VOZ OPERÁRIA seria uma preciosa ajuda para todos nós.

Agradecemos sua atenção Fraternalmente,

JOAO VICENTINO

Negociata Com as Terras da Fazenda Marinheiro de Cima

Expulsam os camponeses para depois arrendar a roça a 35%

A Estrada de Ferro Araraquense recebeu da firma alemã Theodor Ville & Cia., como prêmio pela passagem dos seus trilhos pelas terras da firma nazista, mais de 800 alqueires de terra na fazenda Marinheiro de Cima. O dr. Oraniz, chefe do horto florestal de Araraquara é quem dirige a grande trapaga. Mais de 600 camponeses trabalham nessas terras que deram aos exploradores dois milhões de lucro em 1951 e outro tanto em 1952.

Oraniz nomeou o fascista José Galafate para administrar as terras. Ele exige o pagamento adiantado de... 1.500,00 de renda por alqueire. «Quem não tiver dinheiro não plantará».

Os camponeses não colheram quase nada de arroz no ano passado.

Não tiveram preço compensador para o algodão que foi entregue à SANBRA, Anderson Claytor e ao próprio governo por uma miséria. Estão sem recursos e sujeitos à expulsão das terras. Sabe-se que a renda exigida por Galafate jamais entrou para os cofres da E.F.A. O que acontece é que os camponeses expulsos das terras caem nas garras dum outro italiano fascista protegido de Galafate, um tal de José Rosseto, que se gaba de ser de raça superior e diz que «brasileiro é vagabundo». As roças entregues aos camponeses são entregues ao parasita Rosseto

que arrenda aos camponeses espoliados a 35%.

Para onde quer o governo de Getúlio que vão os brasileiros, se as terras são entregues a esses fascistas? Essa é que é a reforma agrária que o latifundiário de São Eorja dá aos brasileiros.

Os camponeses começam a compreender que para acabar com isso é preciso unir-se com os operários. Eles estão se preparando para a Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas que foi convocada por líderes operários e camponeses. (Do correspondente em S. José do Rio Preto — S. Paulo.)

VOZ OPERÁRIA Ajuda o Movimento Sindical?

O leitor Miguel Santos, de São Paulo, enviou-nos uma carta em que faz algumas críticas à VOZ OPERÁRIA.

Particularmente, nosso leitor critica o número 222 que, diz ele, «só falava do 50.º aniversário do P. C. U. S.». Este argumento, ac que parece, é aventado para justificar a observação que faz quanto à pouca ajuda dada pelo jornal para a organização sindical das massas.

A crítica do leitor não é justa. Não é verdade que o n.º 222 só falasse do 50.º Aniversário do P. C. U. S. O material que publicamos saiu em suplemento especial, continuando o resto do jornal com a feição habitual. Pelo visto Miguel Santos não compreendeu a importância do material e está subestimando a grande importância do P. C. U. S. No entanto, é tal a experiência e a sabedoria acumulada pelo Partido Bolchevique que ele é, verdadeiramente, a direção reconhecida do movimento operário e comunista mundial. Se queremos acertar, temos que estar voltados, cada vez mais para ele. E, precisamente, a publicação do material sobre o 50.º Aniversário do P. C. U. S. significa uma grande ajuda ao esclarecimento de cada operário, de cada cidadão e, por isso mesmo, é também uma contribuição séria ao reforço do movimento sindical. A crítica que Miguel Santos faz, se atendida, levaria a rebaixar o papel da VOZ OPERÁRIA, a desarmar os militantes sindicais de vanguarda e, assim, a prejudicar seriamente o movimento sindical.

Os Colonos de Café Tratados Como Escravos

Escreve o correspondente de Monte Aprazível

Na Fazenda São João do tatuire João Bassete, aqui em Monte Aprazível, setenta famílias vivem na mais negra exploração, sujeita às ordens do fiscal, do administrador e do feitor que tratam os colonos como escravos. Por mil réis de café pagam apenas Cr\$ 2.200,00 com apenas 100 kgs. de arroz por ano. A colheita é paga à razão de 10,00 quando o trato foi de 12,00. Terminando a safra na fazenda, o taturire obrigou os colonos a ir fazer a colheita em outra propriedade sua.

Que tinha acontecido? E?

que os colonos dessa outra propriedade a abandonaram por não suportarem mais tanta exploração. A outra fazenda fica a uns 40 kms. Os colonos foram obrigados a levantar às três da madrugada, fazer o almoço e ir ao ponto tomar o caminhão, onde homens, mulheres e crianças eram amontoados como gado. Os homens ganharam trinta cruzeiros por dia.

Diante de tamanha exploração os colonos começam a se organizar para a conquista de seus direitos. Os colonos da fazenda São João terão o seu representante na Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas. (Do correspondente)

POSTA RESTANTE

Estão em nosso poder para publicação ou novos pedidos de informações aos nossos leitores e correspondentes, as seguintes cartas: Do correspondente de Pompeia, de 24-8-53. Do correspondente do Circulo de Estudos Monteiro Lobato, de 31-8-53 «Aquí e lá», artigo de B. E. Marcondes, a 2-9-53. Do correspondente de Belo Horizonte, Manifesto de Lançamento da Campanha Pró-Imprensa Popular. De Antônio Rios, sobre moradores do Sabão. De José Xavier, artigo. De Mesquita, artigo: «Como custei para achar meu Partido». De J. M. Mendonça, de Rio Grande. Recorte de reportagem sobre «Mesquinhas perseguições na Indústria Fátima»

★ LEIA Problemas N.º 49 Revista de Cultura Política

VOZ OPERÁRIA

Director Responsável: JOAO VICENTINO DE LIMA E SILVA
MATRIZ: Av. Rio Branco, 247 - 17º and. - Sala 1712
SUCURSALIS:
SÃO PAULO - Rua dos Estudantes, 24, Sala 28; P. ALEGRE - Rua Voluntários da Pátria, 327, Sala 13;
RECIFE - Rua da Palma, 295, Sala 206 - Ed. São;
SALVADOR - Rua João de Deus, 1, Sala 1; FORTALEZA - Rua Barão do Branco, 1248, Sala 22.
Endereço telegráfico da Matriz e Sucursais:
VOZFERIA
ASSINATURAS:
Anual Cr\$ 60,00
Semestral 30,00
Trimestral 15,00
Nº AVISO 1,00
Nº atrasado 1,00
Este Semanário é impresso em SÃO PAULO, REPOBLICA DE PORTO ALEGRE, FORTALEZA, SALVADOR e CELE.

O Povo Vingará a Morte de Antônio Barbosa, Jornalista de Prestes

A mão ensanguentada do facinora Ludovico, preposto de Vargas no governo de Goiás, desferiu novo golpe contra as forças da democracia em nossa pátria, assassinando pelas armas de seus capangas, o jornalista da classe operária e do povo Antonio Barbosa, redator-chefe de «O CATALÃO».

Jovem ainda, com seus ardentes 22 anos, Antonio Barbosa já descortinara os radiosos horizontes da libertação de nossa pátria e merecia a elevada honra de trabalhar num jornal da imprensa de Prestes, a imprensa da verdade e da paz, no longínquo município de Catalão. Redator e gerente do pequenino mas valente e honrado jornal, que ele ajudava a escrever e compunha com auxílio de alguns companheiros, Antonio Barbosa soube também merecer, pela sua inquebrantável atuação de jornalista do povo, o ódio animal de Ludovico e seus bandidos policiais. Desde tipógrafo e repórter de «O ESTADO DE GOIÁS», de Goiânia, e redator de «FRENTE POPULAR», em Anápolis, o bravo jornalista soube enfrentar corajosamente as violências da camarilha de Vargas.

Dia 26 de agosto o teleraço tenente Wilson, delegado especial de Catalão apreendeu dezenas de exemplares de «O Catalão». Apesar dos protestos levantados, insistiu o tenente fascista na violência e determinou dia 30 a apreensão de toda a edição do jornal. Encontrando-se com o delegado nesse mesmo dia, Antônio Barbosa protestou contra a arbitrariedade e reclamou respeito à liberdade de imprensa. Foi então covarde e violentamente agredido pelo tenente Wilson e outros policiais. Ferido a bala, reagiu à altura e justicou um dos criminosos, abateu o tenente Wilson. Mas os demais bandidos continuaram atirando e o cercaram matando-o pelas costas com cinco tiros.

O cadáver do jovem foi recolhido por populares que na casa de uma pessoa amiga, recebeu as últimas homenagens de grande número de

pessoas que não continham as lágrimas jurando vingar sua morte heróica.

Posteriormente os bandidos policiais realizaram verdadeira caçada humana prendendo o jornalista Washington Barbosa e mais dois redatores do jornal. Levados para o mato, foram brutalmente seviciados.

Os ferozes inimigos do povo sabiam o quanto era querido o jornalista Antonio Barbosa e o quanto o povo admira esses jornalistas do povo. Por isso mobilizaram contingentes policiais de Goiânia e outras cidades ocupando Catalão militarmente, acovardados ante o sagrado ódio popular.

Outros combatentes surgiram para ocupar o posto de Antônio Barbosa, até que as lutas do nosso povo ponham abaixo o regime de terror, carestia e miséria do tirano Vargas e seus prepostos.

A CTB, Única Central Sindical Dos Trabalhadores Brasileiros

Um artigo de Ramiro Lucchesi

A CONFEDERAÇÃO dos Trabalhadores do Brasil orienta o proletariado brasileiro na conquista de suas reivindicações e se fortalece com as lutas da classe operária.

Em 1946, no ascenso democrático em nosso país em consequência da vitória da União Soviética e demais Nações Unidas sobre o nazifascismo, a classe operária do Brasil rompeu com a submissão do movimento sindical ao Ministério do Trabalho e realizou seu memorável congresso, com mais de dois mil delegados dos sindicatos de todo o país. Nesse congresso realizado sob o signo da unidade, foi fundada a Confederação dos Trabalhadores do Brasil.

A C.T.B., surgida da vontade e da unidade de ação dos trabalhadores, não podia de modo algum satisfazer aos interesses patronais. Sua orientação só podia ser de combate à «paz social» ardentemente defendida pelos que nos exploram. Com um programa e orientação independentes, a C.T.B. representava um dos maiores obstáculos à política de guerra, de submissão ao imperialismo americano desenvolvida na época pelo presidente Dutra, seguida e ampliada hoje pelo governo de Vargas. A forma encontrada pelas forças reacionárias para reverter esse obstáculo foi um decreto constitucional de suspensão da C.T.B. por 6 meses, para promover posteriormente sua dissolução.

Esse ato fascista amedrontou alguns dirigentes que abandonaram seus cargos. Mas os que ficaram, ajuda-

dos por outros trabalhadores, jamais permitiram que fosse arriada a bandeira de luta da classe operária desfraldada pela C.T.B. A classe operária também não recuou. Os trabalhadores em assembleias sindicais votaram pela fundação da C.T.B. E até hoje nenhuma assembleia sindical se pronunciou determinando o afastamento de seu sindicato da única central sindical brasileira.

Os dirigentes que permaneceram fiéis a seus mandatos promoveram ações judiciais que ainda se encontram em recurso. Mas o ponto de apoio principal para manter ativa a C.T.B. são os próprios trabalhadores a quem ela orienta na luta por suas reivindicações. São as palavras de ordem da C.T.B. que vêm sendo levadas à prática pelo movimento sindical brasileiro. Os trabalhadores não aceitaram a proposta de Getúlio, no seu discurso de 1.º de Maio de 1951, para que entrassem nos sindicatos para colaborar com um governo que prende, espanca e assassina operários. Os trabalhadores vão aos sindicatos para lutar pelos seus direitos.

Com a suspensão da CTB, o governo interveio em mais de 400 sindicatos que, em assembleia, tinha ratificado sua filiação e o pagamento de uma cota financeira. Procurou assim o governo fazer com que os sindicatos voltassem à tutela ministerialista do Estado Novo. Nes-

sa ocasião, a CTB orientou os trabalhadores para que fundassem Associações Profissionais para enfrentar a nova situação.

Porém, vivendo dia a dia a experiência das lutas operárias, do movimento sindical, a CTB reconheceu que essa orientação era falsa e estreita. Na prática, criavam-se organizações sindicais paralelas o que é contrário aos interesses dos trabalhadores. Depois dum exame a CTB lançou o seu Manifesto de 8 de Junho de 1951 em que dizia: «A Confederação dos Trabalhadores do Brasil chama os trabalhadores a ingressar nos sindicatos e néles lutar decididamente pelas suas reivindicações independentemente da vontade do governo dos pelegos e lacaios dos patrões».

Atendendo a esse chamado, os trabalhadores que tinham abandonado os sindicatos, voltaram a eles, exigiram assembleias para discutir as suas reivindicações, fazendo dos sindicatos não mais o doce lar dos pelegos, mas o defensor dos interesses dos operários.

Data desse manifesto o novo ascenso do movimento sindical.

Mas foi em 1952, quando a Resolução Sindical do Partido Comunista do Brasil deixou bem claro que a tática sindical a seguir era a unidade de ação, que a unidade e organização da classe operária começaram a se forjar. As lutas deixaram de ser apenas de uma empresa ou de uma seção nas fábricas, para abarcar nacionalmente setores inteiros, como o dos bancários, aeronautas e marítimos. Lutas não menos importantes foram as do Rio Grande do Sul contra a carestia, dos têxteis de Pernambuco e da Paraíba, têxteis e sapateiros do Distrito Federal, dos 300.000 trabalhadores paulistas e outras. O número de grevistas foi de 500.000 em 1952. Neste ano já vai muito além de 700.000. Esses números provam a vontade da classe operária de libertar da política de tração nacional do atual governo.

A CTB tem orientado os trabalhadores, ao lado do povo, na luta em defesa do petróleo, contra o Acordo Militar, a Lei de Segurança, na luta contra a carestia e na defesa da paz. Tem tomado a iniciativa de promover outras lutas como pela liberdade sindical, pela realização do Congresso de Previdência Social e contra o racionamento de energia elétrica. A CTB tem participado de todos esses movimentos através de membros de sua diretoria e de seu conselho, sempre recebidos entusiasmadamente pelos trabalhadores. Sempre que necessário, a CTB tem se manifestado e se pronuncia levando aos trabalhadores sua orientação de unidade de ação, o único caminho que os conduzirá à vitória.

Ao lado dessa atividade a CTB vem se esforçando por estreitar cada vez mais os laços de solidariedade internacional entre a classe operária do Brasil e os operários de todos os países, seja através de telegramas de solidariedade das organizações operárias dos mais diversos países por ocasião de nossas lutas, seja difundindo os documentos e instruções da Federação Sindical Mundial e de seus departamentos profissionais. A CTB promoveu a ida de delegações às conferências e congressos internacionais dos trabalhadores, como a dos têxteis em Berlim, dos transportes em Praga, de seguro e previdência social, de professores em Viena, como o IV Congresso da Confederação dos Trabalhadores da América Latina no Chile, e agora promoveu a Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, tendo em vista a participação dos trabalhadores do campo na Conferência Internacional de Viena.

Um grande esforço está sendo desenvolvido na preparação da delegação brasileira para o 3.º Congresso Sindical Mundial convocado pela FSM e para o qual já está assegurada uma grande e representativa delegação brasileira.

Através da atividade diária, é cada vez maior a influência da CTB no seio das massas trabalhadoras da cidade e do campo, que reconhecem na sua orientação o caminho justo para sua libertação da situação em que se encontra o país sob o jugo dum governo de latifundiários e grandes capitalistas, o governo Vargas, e do imperialismo americano.

Neste momento, quando as forças interessadas em desviar a classe operária do caminho da sua emancipação procuram dividir o proletariado, acenam com a formação duma nova central sindical, a resposta não se faz esperar. Já está a discussão da assembleia de 600 trabalhadores em carris urbanos de São Paulo, polêmica e arrolamento do processo contra a CTB, ali está a posição dos marceneiros do Distrito Federal que, ao tomarem conhecimento do convite para a formação duma nova central sindical, elegem uma comissão de dirigentes e associados para comparecer à reunião e nela defender a existência legal da CTB.

Fatos como esses mostram, em primeiro lugar, o sentimento de unidade dos trabalhadores, e ao lado disso o apoio e influência com que conta a CTB no seio das massas trabalhadoras, e são ainda um exemplo a seguir por todas as organizações operárias e pelos trabalhadores em geral.

Filiada à Federação Sindical Mundial e à CTAL, a CTB orienta os trabalhadores brasileiros para o caminho da luta por suas reivindicações, da defesa da paz e da independência de nossa pátria.

EDITORIAL

A Classe Operária, Força Dirigente da Nação

AS GRANDES lutas que se têm sucedido durante estes meses assinalam um nível mais elevado das lutas da classe operária em nosso país. Os mais diversos setores do proletariado, do Norte ao Sul do país, têm se empenhado em vigorosas lutas grevistas realizadas sob o signo da unidade, sendo que numerosos outros trabalhadores têm lutado e conquistado vitórias, utilizando outras formas de luta, ou então se movimentando por suas reivindicações.

As lutas desse ano têm além do mais se caracterizado por um mais elevado grau de organização e combatividade do proletariado. Mas, principalmente, as lutas desse ano, e antes de mais nada a grandiosa greve realizada de março a abril pelo proletariado paulista, revelaram a força cada vez maior da classe operária em nosso país e vieram mostrar a todo o povo que o caminho da luta decidida contra o governo de tração nacional de Vargas é o único que conduz à vitória.

Ultrapassando o terreno das lutas por aumento de salário, as greves deste ano repercutiram profundamente no terreno político, abalando o Poder das classes dominantes. O governo de Vargas tem sido energeticamente desmascarado, não podendo esconder sua face de inimigo da classe operária e do povo. Se se apresentou como «mediador» na greve de São Paulo, foi para depois mandar que o Tribunal Regional do Trabalho condicionasse o aumento de 32% à infame cláusula da assiduidade integral; se atendeu às reivindicações dos marítimos em greve, foi para depois poder manobrar, cessada a luta, objetivando anular uma a uma as conquistas consagradas no acordo assinado. E agora, mancomunado com os «societas» de Mangabeira, pretende liquidar com o direito de greve, através de uma pretensa «regulamentação» que visa a colocar fora da lei qualquer movimento grevista.

Confrontando assim, no calor dos combates de classe, as palavras e os atos dos homens da camarilha dominante e das classes que exercem o Poder no país, o

proletariado tem elevado sua consciência política e se vai libertando da influência dos demagogos de todo jaez. De forma definitiva e prática a classe operária se coloca na justa posição de força dirigente da nação na luta pela paz, as liberdades e a independência nacional. A prática vai assim confirmando o que Prestes nos ensinava em seu Informe de Abril: «Nossa política de frente única é necessariamente uma política das grandes massas, mas só a classe operária, dirigida pelos comunistas, pode ser a força unificadora, pode iniciar e dirigir as lutas do povo pela libertação nacional do jugo imperialista e congregar em torno de si as demais classes e camadas sociais que sofrem com a opressão ianque, a começar pelas grandes massas camponesas».

De fato, repercutindo em todo o país, as lutas da classe operária despertam as forças patrióticas para lutarem contra a dominação imperialista e, de modo particular, influenciam os camponeses que vão tomando cada vez mais o caminho da luta e da organização. Os líderes operários, levando aos camponeses sua experiência e sua direção, como aconteceu especialmente durante a preparação e os trabalhos da Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, dão passos seguros para forjar a aliança operário-camponesa, que representa a base firme para a construção da frente democrática de libertação nacional.

Mas, para bem exercer seu papel dirigente na frente única revolucionária, o proletariado não pode se limitar a lutar simplesmente por suas reivindicações econômicas. O papel dos comunistas é levar as grandes massas de nossos companheiros de classe a compreenderem com mais clareza que só a luta política do proletariado e do povo pode conduzir à vitória a causa do bem-estar dos trabalhadores, do progresso do Brasil, da paz e da independência nacional, da derrubada do regime feudal-burguês e da conquista da Democracia Popular.

Etelvino, guarda-costas de oficiais americanos

ONDA DE PRISÕES EM RECIFE COM A CHEGADA DOS GRINGOS

Etelvino Lima, o homem que Getúlio pôs no governo de Pernambuco durante o Estado Novo, para executar sua política pró-nazista, é atualmente o tirano que oprime os pernambucanos em benefício da política de guerra dos multi-milionários norte-americanos.

Como as autoridades nã estais nos países ocupados, também os representantes dos dólares exigem que os governinhos por eles mantidos «garantam» seu sossego quando vêm à nossa terra, que pretendem pisar como senhores.

Chegou a Recife uma missão naval norte-americana. E isso foi o sinal para que o facinora do Estado Novo, associado aos militares vendidos do comando terrestre, aéreo e naval desencadeassem uma onda de prisões na capital pernambucana, prendendo jornalistas democráticos e dirigentes estudantis. Entre os presos figuram os jornalistas Cláudio Tavares e Vicente Barbosa, o advogado Gibrardo Moura Coelho, Ademário Leite e Antônio Dantas, representantes de «Voz Operária» e de «Emancipação», o estudante Hélio Lemos, vice-presidente da União Nacional dos Estudantes, e os universitários Heitor Pereira e Antônio Lafeta.

Contra esses atos de banditismo do governador de Pernambuco erguem-se as vozes das entidades democráticas e das associações estudantis. A União Nacional dos Estudantes, em nome de todos os universitários brasileiros protestou com energia contra o que qualificou de ultrage e lembrou ao assassino de Demócrito de Sousa Filho que seus crimes jamais apagar-se-ão da consciência do povo. Graças a esse e outros protestos os estudantes já foram sol-

tos, mas os demais continuam encarcerados.

Por que tais arbitrariedades podem ser cometidas? Elas são postas em prática em nome do Acórdo Militar Brasil-Estados Unidos, em função do qual chegou ao Brasil a missão americana, e em cujo texto se prevêem medidas para impedir «atos de hostilidades» às forças estrangeiras lanques que ocupem nosso território. Mal secou ainda a tinta com que foi assinado aquele vergonhoso «acórdo» e os patriotas brasileiros, em nome dele, são recolhidos às cadeias pelos criminosos que deveriam ocupá-las. Mas os Getúlios e Etelvinos não estão contentes apenas com essas medidas. Por isso encomendaram aos generais fascistas, da laia de Caiado de Castro, a infame «Lei de fidelidade aos Estados Unidos» que capitula como crime qualquer palavra articulada contra a submissão de nossa pátria aos trustes americanos.

Os vende-pátria das classes dominantes estão ensaiando em Pernambuco novas medidas contra os brasileiros honrados que se recusam ao papel de capachos dos opressores estrangeiros. Por isso mesmo a solidariedade aos jornalistas presos e a exigência de sua imediata libertação funde-se indissolúvelmente com a luta pela denúncia e não aplicação do Acórdo Militar, Brasil-Estados Unidos e pela derrota da suposta «Lei de Fidelidade à Pátria», solicitada por Getúlio ao Congresso Nacional.

OS TRANVIÁRIOS DERROTAM A LIGHT, JANGO, VELASCO E DULCIDIO CARDOSO

OS tranviários cariocas impuseram uma tremenda derrota aos exploradores imperialistas da Light, ao ministro e prefeito da Light, Jango Goulart e Dulcídio Cardoso, ao general da infidelidade à pátria, Caiado de Castro e aos bonzos e lacaios «socialistas» Domingos Velasco e apaniguados a serviço do truste e da reação.

Os tranviários cariocas unidos em seu Sindicato, organizaram a greve, prepararam-se para a greve e — cinco horas antes da hora marcada para o término do ultimatum à Light — obtiveram o aumento de salário INDEPENDENTE DA ELEVAÇÃO DAS PASSAGENS DE BONDE. Foi uma vitória líquida. Os jornais burgueses, sem exceção, procuram fazer confusão, procuram apresentar as coisas como se o aumento de salário significasse necessariamente o aumento de tarifas.

DOIS ACORDOS INDEPENDENTES UM DO OUTRO

Porque na realidade dos fatos, houve dois acordos completamente independentes um do outro. Um acórdo é o que sela a derrota da Light, é o acórdo que reconhece a vitória dos trabalhadores. Que fica ali estabelecido? Diz que a greve fica cancelada em virtude da Light se comprometer a pagar o aumento a partir de 15 de agosto. O acórdo deve ser aprovado pela assembleia. Nem a mais leve referência a aumento de passagens, nada de condicionar o aumento a qualquer outra coisa. Aumento e acabou-se. Não paga o aumento, greve. Nada mais claro.

O outro acórdo não tem nada que ver com os trabalhadores. É um acórdo feito entre a Light e seus lacaios do governo. Jango e Dulcídio asseguraram à Light uma compensação, garantiram a imediata concessão do aumento de passagens de bonde. Houvesse uma mobilização popular contra esse aumento, a exemplo da mobilização dos trabalhadores em defesa dos seus salários, e a promessa de Jango, Dulcídio, Levy Neves e

outros, serviços do truste também se desfaria como bolha de sabão. Na Câmara Municipal, somente a bancada comunista se bate contra o aumento. Os demais partidos burgueses estão com a Light contra o povo.

JANGO E A «HONRA» DA LIGHT

Nessa luta caiu muita máscara. Eis o que disse Jango Goulart:

— A palavra dos que tem honra vale muito; e eu não tenho motivos para duvidar dos diretores da Light.

Assim, o demagogo invoca a honra da Light. É a «honra» dos estrangeiros que subornaram, trapacearam, roubaram documentos para por fim impedir a construção da usina do Salto; é a «honra» do racionamento de energia elétrica causando o desemprego e a miséria, matando gente nos hospitais; é a «honra» da sonegação de impostos, do empréstimo de 90 milhões de dólares para não fazer nada, dos lucros de 800 milhões por ano. É a «honra» desses trapaceiros que têm o topete de falar «em au-

mento de passagens para pagar aumento de salários, quando se sabe que o aumento da passagem dá muito mais do que a migalha do aumento de salário. Em suma, é a «honra» que serve a um latifundiário, membro do governo de traição nacional de Getúlio

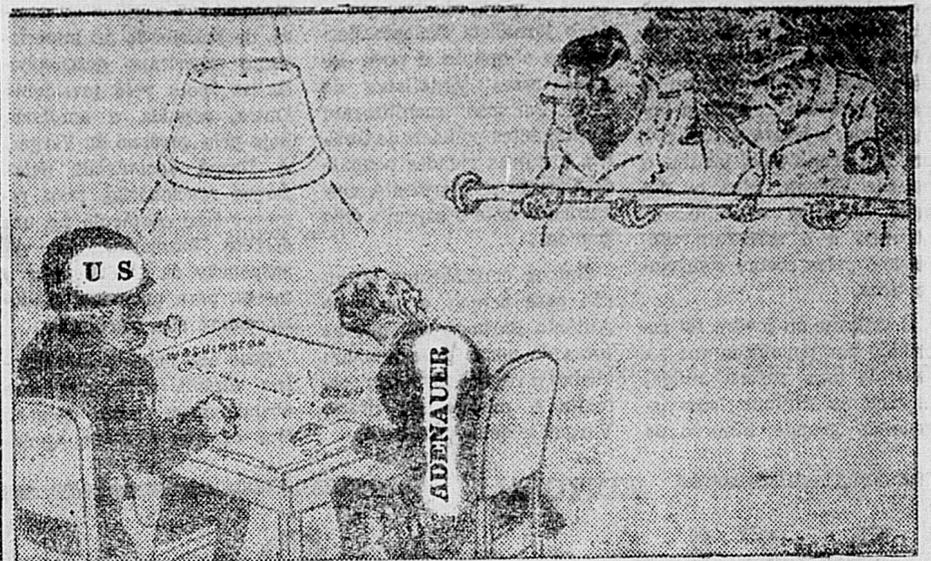
sagem foi derrotada espertamente. Domingos Velasco não advogou o aumento de salário, bateu-se pelo aumento das passagens. Na Comissão de Salários, Eliseu Alves de Oliveira, alertou e organizou os trabalhadores, que o viram enfrentar os gringos:

A MISSÃO HONROSA DOS COMUNISTAS

Nessa luta sobressaiu mais uma vez a honrosa missão de vanguarda dos comunistas. Na Câmara Municipal, Henrique Miranda defendeu o povo contra a Light, lutou contra o aumento de passagens. Na Comissão de Salários, Eliseu Alves de Oliveira, alertou e organizou os trabalhadores, que o viram enfrentar os gringos:

— Não nos interessa aumento de tarifas, queremos uma data fixa para o pagamento de nosso aumento. Se eu não estivesse licenciado, lutaria na Câmara com todas as minhas forças contra o aumento de passagens, para que não se concretizasse esse assalto à bolsa do povo.

A posição dos comunistas é clara: o aumento tem que ser pago já, o aumento de salário tem que sair dos lucros fabulosos da Light.



OS FANTASMAS DO FUEHRER E DO DUCE:

— *Necessitam de um eixo? Podemos oferecer-lhes este modelo.*

(Caricatura de Boris EFIMOV, da revista TEMPOS NOVOS)

CRÔNICA INTERNACIONAL

As Garras de Washington Ameaçam a Guatemala

PEQUENO país da América Central, a Guatemala ocupa cada vez com maior frequência o noticiário das agências norte-americanas que apresenta seu governo atual como um «perigo para a segurança do Hemisfério». Faz-se cada vez de maneira mais aberta a pressão americana para derrubar o regime constituído naquela república. Há dias, a pretexto de defender os «direitos» das companhias lanques, o secretário de Estado adjunto entregou ao embaixador da Guatemala, em Washington, um memorando, que segundo as próprias expressões desse diplomata, «contem conceitos ofensivos quanto ao tratamento aos Estados soberanos». O «New York Times», conhecido porta-voz dos trustes, lançou um editorial que, diz o mesmo declarante, «não só nos ofende, como nos ameaça».

Por que isso acontece com a Guatemala? De-se que naquele país, a partir de 1944, a situação começou a mudar em um sentido desfavorável aos grandes trustes lanques que exploram o país. Os dois principais monopólios são a United Fruit Company, que controla o comércio e possui extensos latifúndios, e a IRCA (International Railway of Central America), que monopoliza as estradas de ferro e impõe tarifas arbitrárias. Essas empresas forçam o escoamento das mercadorias por Porto Barrios que, como outros, está em mãos estrangeiras. Os barcos de transporte pertencem à United Fruit que oculta o valor real das exportações e sonega os impostos. Somente os milhões de dólares que ela deixa

pagar anualmente darão para cobrir o pagamento anual da Guatemala.

Em junho de 1944, o testa de ferro lanque, ditador Ubico, foi obrigado a renunciar, buscando asilo na Embaixada da Espanha. Substituiu-o uma junta militar, chefiada por Federico Ponce, que continuou sua política. Em outubro, porém, com o apoio das massas, elementos progressistas derrubaram essa junta reacionária e a substituíram por uma outra, provisória, que promoveu eleições. Delas saiu eleito o presidente Arévalo, que, após terminar o mandato passou o poder ao novo presidente eleito, coronel Arbenz, em 15 de março de 1951.

Um dos postulados do movimento de outubro de 1944 foi a necessidade de serem alteradas as relações de propriedade territorial existentes e é a isso que deveu grande parte do apoio popular que obteve. O fato de somente oito anos depois, em junho de 1952, ter sido promulgada a Lei da Reforma Agrária diz bem alto das vacilações do governo Arévalo que, aliás, continuou a apoiar a política de «coordenação» dos Estados latino-americanos para a guerra de agressão que os

Estados Unidos tramam contra a URSS e as democracias populares.

Sob o influxo das lutas de massas, impulsionadas pelo Partido Guatemalteco do Trabalho, o atual governo da Guatemala tomou algumas medidas progressistas e passou a Lei da Reforma Agrária, em cujos termos foram expropriados entre outros latifúndios, 83.929 hectares de terras incultas da United Fruit Company. Esses atos de exercício de soberania é que excitam ainda mais os governantes norte-americanos e os trustes, contra a Guatemala. Daí os memorandos como o que foi recentemente entregue ao embaixador guatemalteco. Os norte-americanos promovem conspirações contra o regime democrático da Guatemala, organizam conspirações contra seu governo e usam os outros Estados da América Central como instrumentos de pressão contra a Guatemala. A ODECA (organização dos Estados Centro-Americanos), da qual não participa a Guatemala, é uma das peças com que conta o Departamento de Estado para isso.

Os imperialistas dos Estados Unidos querem obrigar o povo guatemalteco a cumprir o vergonhoso tratado do Rio de Janeiro

e as resoluções das Conferências de Bogotá e Washington que ferem os interesses do povo guatemalteco mas que receberam, apesar disso, as assinaturas dos governos Arévalo e Arbenz.

O povo da Guatemala trava uma dura luta pela independência nacional e as liberdades democráticas, enfrentando o imperialismo estrangeiro e a reação interna. Nessa luta ele conquista o apoio de todos os povos irmãos do continente e a solidariedade das pessoas honradas do mundo inteiro. Graças à atuação do Partido Guatemalteco do Trabalho e à unidade das forças democráticas, importantes derrotas já foram impostas à reação e ao imperialismo. Mas as vitórias do povo guatemalteco só estarão garantidas pela hegemonia do proletariado e a direção dos comunistas que tudo fazem para fortalecer o Partido, elevando-o teórica e organizativamente, e se empenham por unir e organizar a classe operária, estreitar a aliança operário-camponesa, impulsionar a reforma agrária e a luta contra os monopólios estrangeiros, melhorar as condições de vida das massas e derrotar a conspiração dos imperialistas, dos latifundiários e da alta burguesia.

Os comunistas guatemaltecos que defendem as instituições democráticas e apoiam todos os atos democráticos do governo Arbenz, estão à frente do povo para derrotar os novos atos intervencionistas que o governo americano trama contra seu país.

Milhões de Camponeses Erguem a Cabeça

Um grande acontecimento na história das lutas de nosso povo: realizou-se com pleno êxito a Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas — Pela primeira vez reúnem-se e discutem livremente camponeses de todo o Brasil — Até o direito de receber visitas élestêm que conquistar, mas vencerão guiados pelos seus irmãos proletários

De agora em diante a vida de milhões de trabalhadores da terra não será mais aquela condenação a trabalhar de sol a sol para o dono da terra, sem esperança. Agora, o camponês tem um objetivo, começa a compreender que sua vida pode mudar, que pode conseguir o pedaço de terra pelo qual tanto anseia, que pode conquistar o direito a uma vida humana e deixar de ser besta de carga do latifundiário.

Um grande acontecimento teve lugar em São Paulo e Recife nos dias seis e sete de setembro. Pela primeira vez na história das lutas de nosso povo, reuniram-se, discutiram e deliberaram como cidadãos, como homens livres. Realizou-se a Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas. E mais: foram escolhidos os representantes dos camponeses brasileiros que irão a Viena reunir-se com seus irmãos do mundo inteiro na Conferência Internacional de Trabalhadores Agrícolas.

ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPONESA EM MARCHA

Em São Paulo reuniram-se os delegados dos Estados

do centro e do sul, em Recife reuniram-se os delegados dos Estados do norte e do nordeste. Centenas de reuniões de fazenda, de assembleias e conferências municipais realizaram-se em todo o país. Numerosas organizações de camponeses foram fundadas no mais profundo interior do país. E' como se a população mais esquecida e oprimida do Brasil se tivesse erguido ao mesmo tempo.

Como aconteceu isso? Qual força que pôs em marcha milhões de pessoas?

Antes, camponês era massa de manobra, voto de cabresto do «coronel». Agora, camponês dirige entidades, levanta a cabeça, une suas forças, exige seus direitos.

Que houve? Que está havendo?

A grandiosa conferência realizada no Teatro Colombo em São Paulo responde com clareza: está em marcha a aliança operário camponesa. Sob a direção dos trabalhadores das fábricas, aprendendo com a classe operária, os camponeses encontram o caminho da

bertação. E' a maioria esmagadora da nação unida sob a bandeira de luta da classe mais revolucionária de nosso povo, camponeses e operários de mãos dadas.

AMIGOS, IRMÃOS, COMPANHEIROS DE LUTA

Vejamos, em largos traços, como foi na prática a manifestação viva dessa aliança que nenhuma força será capaz de romper jamais.

Olhemos primeiro para a convocação da Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas. Entre os que assinam o importante documento encontramos os nomes de líderes camponeses de todos os Estados. Junto com eles assinaram conhecidos e prestigiosos líderes operários, dirigentes sindicais e proletários de todas as profissões.

Os trabalhadores da cidade ajudaram diretamente em numerosos atos de preparação da conferência, ensinaram como organizar sindicatos e associações, deram sua experiência de como lutar e vencer os exploradores do suor alheio. Eis alguns poucos exemplos:

Uma delegação de operários de São Paulo participou da assembleia dos camponeses das fazendas São Bento, Bom Retiro, São Francisco, Olimpia e Rafard, no município de Capivari. A Conferência Regional dos Trabalhadores Agrícolas do Rio Grande do Sul, realizada em Pelotas, foi assistida por delegados fraternais do Sindicato dos Marítimos e do Sindicato dos Trabalhadores de Carnes e Derivados. Em Valparaíso, São Paulo, dirigentes sindicais operários, estiveram lado a lado com os camponeses, numa reunião de 1.300 pessoas, onde se realizou a Conferência e se fundou a Associação dos Trabalhadores Agrícolas. Em Ribeirão Preto, foi na sede da União Geral dos Trabalhadores, tendo falado operários oleiros e ferroviários, na Conferência ali realizada. Também esteve presente o presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Massas Alimentícias.

Assim foi em toda a parte. Foi grande também a ajuda fraternal da classe operária para a realização da Confe-

rência Nacional em São Paulo. Todos os delegados ficaram alojados em residências de operários. As diversas comissões técnicas da Conferência funcionaram em sindicatos: a Comissão de Assalariados Agrícolas e Colonos de Café ficou com sede no Sindicato dos Ferroviários, a Comissão de arrendatários, meeiros, parceiros e posseiros ficou com sede no Sindicato dos Gráficos, a Comissão de assuntos gerais ficou com sede no Sindicato dos Textéis. Na mesa diretora dos trabalhos e na Comissão de assessores técnicos, trabalharam ombro a ombro delegados camponeses

las, com títulos legais de posse, crédito fácil, ferramentas, adubos, semente, apoio ao cooperativismo, garantia de preços para os produtos da lavoura. Proibição da meia e da terça, do pagamento em espécie e do trabalho gratuito. Criação de um Banco especialmente para os que receberam a terra, depois da reforma agrária. Telegramas ao governo e câmaras pelo reatamento de relações com a União Soviética China Popular e outros países.

E mais: aplicação de verdade da legislação trabalhista no campo, criação de escolas no campo, direito de férias, ...

A MULHER CAMPONESA



Uma das grandes figuras da Conferência foi Rosa Marcelina de Souza, mulher de um posseiro, em Tinguá, município de Caxias, Estado do Rio. Tendo apenas dois anos de escola primária, fundou uma escola para filhos de camponeses. São 36 alunos. De manhã, trabalha na roça, de tarde, leciona. Rosa Marcelina saudou a Federação das Mulheres do Brasil. Disse que veio temerosa porque lhe disseram que os paulistas são bairristas. Proclamou emocionada que nunca foi tão bem tratada, podendo falar aos demais de igual para igual. Ela verificou que os operários não são bairristas, nem regionalistas, são os melhores amigos, os irmãos dos camponeses.

e os presidentes de vários sindicatos operários. Foi eleito para a delegação camponesa que vai a Viena, como um dos conselheiros técnicos, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Sr. Remo Forli.

RESOLUÇÕES MOÇÕES, TESES

Na Conferência, os camponeses falaram de suas necessidades, trouxeram cartas dos que não puderam vir, disseram de sua confiança e de sua disposição de luta. Pelas resoluções se pode ter uma ideia das questões debatidas. Eis algumas teses em resumo:

Pelo direito de associar-se aos institutos de previdência social dos operários. Pela confiscação das terras dos latifundiários e das companhias estrangeiras e sua entrega gratuita aos assalariados agric-

4.000.00 pelo trato de mil pés de café, respeito à lei de oito horas, pagamento de domingos, feriados e dias santos, pagamento em dinheiro, abolição do regime de vales e ordens.

Foram tomadas resoluções importantes em defesa das liberdades pelo direito de greve, pelo direito de ir e vir, de fazer festas, de receber visitas, de caçar e pescar e praticar esportes. A necessidade de lutar por esses direitos diz claro do regime de opressão feudal existente nas fazendas.

AVANTE, EM ALIANÇA COM O PROLETARIADO

A Conferência deu um impulso na organização dos camponeses para a luta. Eles recolhem a experiência organizativa da classe operária. Da



O delegado gaúcho J. A. Pio de Almeida compareceu em trajes regionais. Em arrebatado discurso transmitiu aos operários o abraço campeiro dos camponeses dos pampas, homens ativos que os fazendeiros querem humilhar, mas que agora encontram o seu camuho ao lado da classe operária.

Conferência saiu uma Comissão Permanente para promover a ida dos delegados eleitos a Viena, encaminhar as resoluções aos órgãos legislativos, promover a aplicação das resoluções, manter contacto com as comissões estaduais e associações agrícolas de todo o país.

Será ouvido em todo o país o apelo pela organização de sindicatos rurais de assalariados agrícolas, colonos de café, canareadas, peões, empreiteiros tarefeiros, diaristas, mensageiros; de associações profissionais de vários tipos unindo arrendatários, meeiros parceiros, posseiros, moradores, egregados.

Uma grande força está em marcha. Nada mais a deterá. Em sólida e estreita união com os operários, organizam-se para a luta as massas de milhões de camponeses.

A COMPOSIÇÃO DA CONFERÊNCIA

POR ESTADOS

Estados	delegados
São Paulo	80
Minas Gerais	20
Est. do Rio	10
Paraná	8
Espirito Santo	6
Distrito Federal	6
Goias	5
Mato Grosso	1

POR CATEGORIA

Arrendatários e meeiros	60
Assalariados agrícolas	38
Colonos de café	12
Pequenos proprietários	12
Posseiros de terra	10
Empreiteiros de café	4
Operários de usina	4
Domésticas	2

Moções Que Selam a Unidade

A Conferência aprovou moções de agradecimentos aos sindicatos dos Bancários, Gráficos, Hoteleiros, Textéis, Metalúrgicos, Ferroviários, Marceneiros, a União Geral dos Trabalhadores do Estado de São Paulo, a Confeção dos Trabalhadores do Brasil, aos sindicatos organizações operárias de Pelotas e às Câmaras Municipais de Pelotas, Nova Fatima e Guararapes.

De Louvor: ao herói dos trabalhadores gauchos, Antonio Recchia, aos jornais «Notícias de Hoje» e «Terra Livre».

De protesto: contra as violências de que são vítimas os posseiros do Espírito Santo, contra a prisão do dr. José da Silva Guerra, contra o assassinato do camponês Celino, em Pompeia, contra a suspensão da União Estadual dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul, contra o racionamento, contra a «Petrobrás» e o Acôrdo Militar.

De apoio e solidariedade: à Comissão Paulista do III Congresso Sindical Mundial, aos gráficos de Porto Alegre e aos trabalhadores de Caxias em greve, ao Plebiscito Nacional por Negociações.

De saudação: a Monteiro Lobato, pela sua contribuição ao esclarecimento dos camponeses com seu folheto «Zé Brasil».



Confraternizam as delegações camponesas do Paraná e Rio Grande do Sul,

1953 - ANO DE GRANDES LUTAS DOS TRABALHADORES BRASILEIROS

Em sob a influência da orientação da C.T.B., os sindicatos começaram a se reformar, as lutas cresceram mais depressa.

Mas o maior impulso para as lutas foi dado pela Resolução Sindical do Comitê Nacional, aprovada em junho do ano passado.

O Partido reconhecia autenticamente os erros cometidos anteriormente na política sindical e oficializava a orientação que já vinha aplicando de trabalhar nos sindicatos existentes, para através deles realizar a organização da classe operária. A Resolução Sindical indicava a necessidade de constituir conselhos sindicais nas empresas e chamava os trabalhadores a que, organizados nos sindicatos, lutassem pela melhoria das condições de vida e de trabalho, pelas liberdades, pela independência nacional e pela paz. Para levar à prática essa orientação, a Resolução Sindical indicava a tática da unidade de ação e dizia particularmente: «É por meio da unidade de ação que será possível unificar o movimento sindical e levar os sindicatos a tomarem posição aberta em defesa da paz. É através de ação que formamos a unidade orgânica e política do proletariado, que transformaremos a classe operária em força monolítica capaz de dirigir todo o nosso povo na luta vitoriosa pela paz, pela libertação nacional e a conquista da Democracia Popular.»

Armado com a justa orientação na Resolução do Comitê Nacional do P.C.B., o proletariado brasileiro elevou decisivamente o nível das lutas. Desde o lançamento da Resolução Sindical, em junho do ano passado, até hoje, cerca de 1.200.000 tra-

balhadores participaram de lutas grevistas, sendo vitoriosos na maioria dos casos. Além disso, um milhão de pessoas que vivem de seus salários,

inclusive camadas médias como os médicos, engenheiros e funcionários públicos, conquistaram aumento de salários por meio de outras formas de luta: assembleias,

passatas, luta direta na empresa contra o patrão, etc. E as lutas continuam a crescer, particularmente em 1953. As greves se estendem por todo o país, abarcando

setores cada vez mais numerosos dos trabalhadores e influenciando os camponeses e outras camadas da população que também se lançam à luta.



A grande greve dos têxteis, metalúrgicos, marceneiros e vidreiros paulistas foi também uma demonstração da liderança da classe operária na luta prática pelas liberdades democráticas. Contra os arreganhos da polícia de bandidos de Vargas e Getúlio, o proletariado fez valer o direito de reunião e de manifestação em praça pública. Demonstrações como esta, de diferentes porções, realizaram-se em vários pontos da capital bandeirante, durante a memorável greve.

2 Brilhantes Exemplos De Unidade de Ação

A GREVE DOS 300.000

A grande greve dos 300.000 trabalhadores de São Paulo, realizada em março e abril deste ano, e que se estendeu por cerca de um mês, revelou a profunda justiça da tática sindical de unidade de ação. As grandes lutas do proletariado e do povo gaúcho tiveram repercussão profundamente em São Paulo. Através de assembleias sindicais os trabalhadores começaram a inventar-se contra a carestia. Criou-se a «Comissão Estadual de Estudos e Combate à Carestia». A 18 de março esta Comissão patrocinou a gigantesca passeata que ganhou as ruas de São Paulo com a participação de mais de 100.000 operários e populares. O movimento se processava na base da unidade de ação e estava alicerçado nos sindicatos.

Uma nova tática. Era preciso, sobretudo, impedir que a luta se estendesse mais ainda, pois os trabalhadores da Light, da C.M.T.C. e os sapateiros também se movimentavam e podiam entrar em greve a qualquer instante.

Getúlio entra em ação com posse de «mediador». Ao mesmo tempo, a reação procura por todos os meios impedir que a luta grevista se funda com a luta popular. Para isso procura atastar os grevistas do centro da cidade, cedendo grandes locais de reunião, como o antigo Hipódromo. As classes dominantes sentiam que o estopim ardia: o Sindicato dos Metalúrgicos ficava junto ao Largo São Francisco — conhecido centro estudiantil — e os estudantes começavam a solidarizar-se com os trabalhadores.

Com a greve as massas ganharam a rua. Os piquetes, os comícios e as passatas percorriam a todo instante a cidade, cercados da mais viva simpatia e apoio popular. Os frequentes choques com a polícia — de que os da Praça Sé no dia 31, foram os mais sérios — demonstravam a combatividade dos grevistas.

As classes dominantes começaram a manobrar. Os trabalhadores não cediam à pressão. Era preciso adotar

uma nova tática. Era preciso, sobretudo, impedir que a luta se estendesse mais ainda, pois os trabalhadores da Light, da C.M.T.C. e os sapateiros também se movimentavam e podiam entrar em greve a qualquer instante.

Getúlio entra em ação com posse de «mediador». Ao mesmo tempo, a reação procura por todos os meios impedir que a luta grevista se funda com a luta popular. Para isso procura atastar os grevistas do centro da cidade, cedendo grandes locais de reunião, como o antigo Hipódromo. As classes dominantes sentiam que o estopim ardia: o Sindicato dos Metalúrgicos ficava junto ao Largo São Francisco — conhecido centro estudiantil — e os estudantes começavam a solidarizar-se com os trabalhadores.

A tática da reação era dividir. A tática dos trabalha-

dores, a tática dos comunistas, era a das ações de massa no terreno da unidade. É verdade que havia tendências sectárias que pretendiam radicalizar a luta através dos choques com a polícia. Mas predominou a justa orientação de estender a greve, e nisso os piquetes — que se transformavam em portentosas passatas — representaram um imenso papel.

Hoje, os comunistas reconheceram autenticamente que não soubemos fundir a luta grevista com a luta popular por não termos apresentado à massa uma clara perspectiva de luta por um governo democrático-popular limitando-nos a ver a luta do ponto-de-vista puramente sindical.

Apesar disso, a grande greve de São Paulo foi vitoriosa, e abalou o regime. A greve desmascarou mais ainda o go-

verno de Vargas e as classes dominantes. A luta dos trabalhadores paulistas repercutiu em todo o país e levou à vitória em suas reivindicações a setores de diversos Estados. São exemplos disso os ferroviários da Santos-Jundiaí e da Leopoldina, bem como os estivadores de Santos que tiveram suas reivindicações atendidas. Na Cidade Industrial, de Minas Gerais, os trabalhadores conseguiram elevar seus salários de 690 para 900 cruzeiros. O próprio governador reuniu os industriais e aconselhou-os a concederem o aumento pois se os trabalhadores entrassem em greve seria a extensão da greve de São Paulo.

Quanto à classe operária, saiu fortalecida. Os sindicatos se reforçaram, criaram-se muitas comissões de empresa, para não fazer da vitória dos 32% e da rica experiência adquirida.

A GREVE DOS MARÍTIMOS

No dia 16 de junho, mais de 100.000 trabalhadores de São Paulo e de outros pontos do país, em apoio à greve dos marítimos, realizaram uma passeata em frente ao Palácio do Estado.

Divididos em 43 sindicatos em todo o país, sendo 13 sindicatos nacionais e 30 regionais, não era fácil unificar o setor e comandar a luta. Nessas condições a tática da unidade de ação foi decisiva para o desencadeamento da luta e a obtenção da vitória.

Foi o que logo compreenderam os oficiais de náutica. Eles haviam iniciado a luta com a exigência de que fossem cumpridos os dispositivos legais que os beneficiavam e que o governo e as companhias violavam sistematicamente. Porém, a luta difícilmente teria êxito. Apelar para os outros sindicatos. E como certas autoridades se recusassem a defender os interesses dos trabalhadores, passaram a se dirigir diretamente à massa de trabalhadores.

Através do trabalho de preparação, realizado em assembleias exigidas pela massa, os piquetes foram sendo encarregados e se pôde constituir um Comando Geral, para dirigir a greve.

A princípio o pacto de ação inter-sindical abrangia apenas os oficiais de náutica e operários navais. Depois estendeu. Outros setores aderiram. Entraram marinheiros e taifeiros, oficiais máquinas e comissários, rios e arrais: ao todo 20 e 43 sindicatos participaram da luta — foram os 13 sindicatos nacionais e 7 dos sindicatos regionais.

Os marítimos se comparam firmemente até a vitória. De nada valeram as ameaças do governo e dos empregadores para dividí-los, ou ameaças.

Mas se isso resultou da unidade dos trabalhadores, resultou também da tática adotada pelo governo. E que a luta se travava em condições políticas favoráveis aos trabalhadores e desvantajosas para o governo e as classes dominantes. Abalado pelo crescimento das lutas o governo de Vargas encontrou-se em crise; Getúlio viu obrigado a recorrer à repressão ministerial numa tentativa de reajustar os grupos dominantes, mas fracassando mentalmente para tentar dirigir o povo.

Tratava-se de um setor vital na economia do país. A greve dava aos líderes um prejuízo de 50 milhões de cruzeiros por dia.

Além disso, estava em jogo a segurança americana e o governo temia que a luta se radicalizasse. Os marítimos em passeata reagiram no início da greve manifestaram contra a tática da esquadra e pela denúncia do Acordo Militar?

Nessas condições a tática da reação foi ceder para evitar rapidamente com a greve. Hoje, ela tudo faz para não aplicar os acordos de nados.

Disso resulta um crescimento para as atuais dos marítimos.

para todas as lutas dos trabalhadores: — não se pode encerrar as lutas do proletariado do ponto de vista exclusivo das reivindicações, mas é preciso vê-las também do ponto de vista político.

Tivemos compreendido isso melhor durante a luta, e não há dúvida de que os piquetes seriam mais numerosos,

as passeatas teriam sido mais frequentes, se teria apelado mais para a solidariedade popular, inclusive dos trabalhadores como os da Light e os portuários que se estavam movimentando. Com a simpatia popular se transformando em apoio ativo, a greve poderia ter sido estendida e assim abalaria ainda mais profundamente o regime.

Algumas Experiências Das Últimas Greves

É a experiência da luta de São Paulo e dos marítimos, principalmente, mas também de outras greves. Os piquetes realizaram funções essenciais no movimento grevista: — impedem que a greve seja furada, percorrem as empresas pedindo solidariedade e parando outras fábricas, esclarecem politicamente a massa e, às vezes, realizam também trabalho de finanças para sustentar a greve.

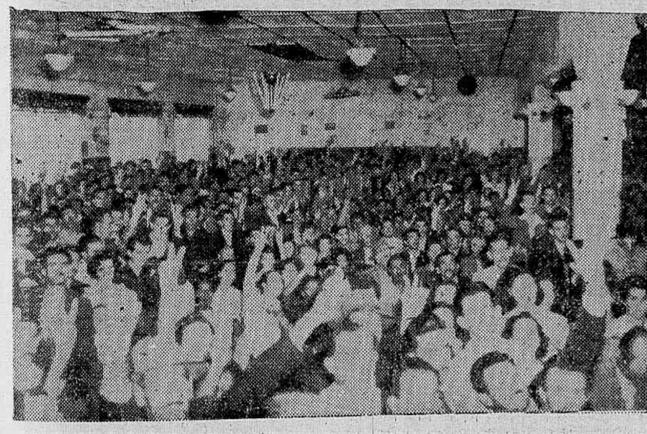
Na greve de São Paulo a Comissão de Piquetes organizada por piquetes paradores, que percorriam as empresas, pagando-as. Ai então se organizava um «piquete de vigilância».

Sindicalização em Massa

Com as lutas se desenvolvendo, os sindicatos, em grande número, foram libertados dos pelegos e juntas de intervenção. São exemplos disso o sindicato dos Marceneiros e dos Operários Navais, no Rio de Janeiro, assim como os sindicatos dos Têxteis, Metalúrgicos, Hoteleiros e Gráficos, de São Paulo.

As assembleias sindicais passaram a se reunir com grande número de trabalhadores, pois os sindicatos começaram a incluir nas lutas reivindicativas algumas das exigências políticas indispensáveis ao avanço do movimento operário.

Tudo isto forneceu uma sólida base para a sindicalização. E o resultado é que ela vem realmente se processando em massa. Dois exemplos: o Sindicato dos Têxteis de São Paulo só contava com cerca de 4.000 associados na época da posse do atual diretoria, há menos de um ano, e hoje já conta com 46.000 filiados; o Sindicato dos Metalúrgicos, também de São Paulo, que reunia uns poucos milhares de membros, já conta atualmente com cerca de 32.000 associados, e, por resolução de sua assembleia, vai realizar a construção de uma grande sede dotada de auditório, restaurante, salas de reunião, dormitório, enfim, de todo o conforto de forma a ser verdadeiramente a «Casa do Metalúrgico».



Os grevistas têxteis de S. Paulo, numa de suas vibrantes assembleias no salão Piratininga, no Moisés.

Os Conselhos Sindicais Base da Unidade de Ação

A Unidade que vem sendo forjada nos sindicatos só é sólida quando tem sua base nos locais de trabalho. Por isso mesmo a Resolução Sindical indicava a necessidade da organização na empresa, da criação de comissões e conselhos sindicais de empresa. As últimas lutas têm levado à criação de numerosos conselhos sindicais de empresa: é o caso dos metalúrgicos de São Paulo, é o caso dos marítimos. Além disso, em São Paulo, processam-se pelos sindicatos numerosas reuniões de empresa, ponto de partida para a formação de reuniões e comissões

Como Funciona um Conselho Sindical?

Entre os operários navais existem conselhos de empresa funcionando nos estaleiros de Mocanguê, Viana, Lameyer e Conceição.

O mais bem organizado é o



Do ano para ano cresce o poderio do movimento operário em nossa terra. Em 1951 foram 200.000 grevistas, em 1952 — 500.000, este ano esta cifra já atinge a cerca de 700.000. Empenhado firmemente a bandeira da unidade de ação os trabalhadores brasileiros marcham com passo firme, à frente da nação, para novas lutas e vitórias.

de Mocanguê. O seu funcionamento é democrático. Os seus membros foram eleitos nos locais de trabalho e representam os diversos setores profissionais, como carpinteiros, torneiros, eletricitistas, chapadores, etc. É presidido pelo delegado sindical, representante oficial do Sindicato.

O conselho sindical se reúne diariamente na hora do almoço. São verdadeiras assembleias que reúnem centenas de trabalhadores. Todos os problemas da ilha são discutidos nessas assembleias. A ordem-dia é previamente preparada e colocada no local com antecedência.

Foi numa discussão desse tipo, realizada no conselho da Ilha de Viana, que se denunciou a prisão de dois operários navais. Resolveu-se ir ao Sindicato e pedir assembleia imediatamente. Devido à existência de conselhos em outros locais de trabalho, em menos de 24 horas realizou-se a assembleia e decretou-se a greve política de um dia, em protesto contra a prisão e exigindo a libertação dos dois companheiros.

Os conselhos sindicais distribuem os materiais de propaganda e a imprensa sindical, mobilizam a massa para as concentrações e assembleias, sindicalizam os que ainda não pertencem ao sindicato. Através de todo o seu trabalho, os conselhos criam nos locais de trabalho poderosos alicerces para os sindicatos.

AVANTE! Para novas conquistas

Um olhar retrospectivo sobre os meses já decorridos revela claramente que o movimento sindical se reforçou muito, tanto em quantidade como na qualidade.

Nunca foi tão grande o número de grevistas e, ademais, cerca de um milhão de trabalhadores se movimentaram para a conquista de suas reivindicações. As assembleias sindicais são mais frequentes e muito mais numerosas que antes, e os trabalhadores participam ativamente da luta pela liberdade sindical.

Em função do crescimento das lutas vem se desmascarando o governo de Getúlio e a demagogia de Jango, mostrando que amadureceu a consciência política da classe operária brasileira. Em vez de amornar as lutas, como Getúlio deseja com sua pregação da «paz social», os trabalhadores lançam-se ao combate com vigor. E não se limitam às lutas econômicas, mas já começam a participar ativamente das lutas patrióticas pela denúncia do Acordo Militar, contra a entrega do petróleo, como também lutam pela paz tendo chegado a enviar ao Congresso dos Povos pela Paz uma delegação de dirigentes sindicais.

Apesar dos progressos realizados, não conseguimos ainda conquistar todos os nossos direitos e barrar a reação. Em alguns setores a reação ainda é forte para intervir como no caso da Telefônica e nos Alfaiates do Distrito Federal, por exemplo, porque nesses setores ainda não se está aplicando a justa tática sindical: — sindicalização em massa, organização nos locais de trabalho, levantamento das reivindicações, ou seja, a tática da unidade de ação que é o verdadeiro caminho a seguir.

Durante todo esse período avançou a largos passos a frente operária unida. Disso são reflexo a Conferência Nacional contra a Assiduidade Integral, o Congresso Nacional de Previdência, que reuniu 1084 delegados de todo o país. Na base das lutas cresceu também a vontade de solidariedade e unidade dos trabalhadores brasileiros com seus irmãos do estrangeiro, como se vê pela amplitude com que se desenvolve a preparação do III Congresso Sindical Mundial.

Graças principalmente à orientação e às atividades da C.T.B., os trabalhadores brasileiros não se deixaram envolver pelas manobras divisionistas da CISL e cerram fileiras cada vez mais estreitamente em torno da Federação Sindical Mundial, e do III Congresso, que ela promove. Somente no Estado de São Paulo mais de 20 sindicatos realizaram assembleias para eleger delegados ao III Congresso Sindical Mundial.

As lutas que se desenvolveram e se desenvolvem neste ano de 1953 demonstram que o movimento dos trabalhadores se reforçou poderosamente, e amadureceu para novas e mais decisivas batalhas.

Depois da greve de São Paulo tornou-se claro que a classe operária assumiu definitivamente a liderança de todo o povo brasileiro em sua luta histórica pela paz, as liberdades e a independência nacional. Desta posição nenhuma força poderá mais arrancá-la.

Fortalecida com as vitórias conquistadas, reforçando mais ainda sua unidade e organização, a classe operária brasileira avança para novas e grandes lutas em que a frente do povo, há de conquistar a paz, o bem-estar, as liberdades, a independência nacional e a Democracia Popular.

O CONTO DO VIGÁRIO DA PAZ SOCIAL

A lenda do patrão "bonzinho" e a farsa do "rearmamento moral" — Domingos Velasco e seus "socialistas" aderem ao governo de fome de Getúlio sob a bandeira da paz social
O PROLETARIADO VAI À LUTA, POIS SÓ TEM A PERDER AS ALGEMAS

A PAZ SOCIAL EM AÇÃO

«Na maioria das vezes, o trabalhador não aplica seu salário, especialmente após um aumento, de forma útil. Vem logo o desperdício, sendo utilizado o excesso de forma perniciosa. Ou então, como o aumento representa, às vezes, o salário de um dia por semana, passa o trabalhador a faltar ao serviço».

Esse insulto aos trabalhadores é comum na boca dos patrões. Mas é também apresentado como «conselho útil» no Boletim da Comissão do Imposto Sindical, que devora um fio de salário por ano de todos os que trabalham neste país. E' assim que, com o dinheiro dos trabalhadores, se propaga a tese dos patrões segundo a qual o operário não precisa de aumento, mas tem que aprender como empregar o que ganha. «Uma boa aplicação dos salários é em última análise uma melhoria de vencimentos», dizem.

— Mas com que direito — perguntam os trabalhadores — nos arvoramos esses senhores em tutores dos operários e se atrevem a dizer como é que cada um deve gastar as miçangas que recebe como salário?

E' em nome da paz social, da harmonia entre a classe dos exploradores e a classe dos explorados que fala essa gente. Para que não haja greves, lutas pelos direitos dos trabalhadores, firma os escribas de paz social os trabalhadores não devem gastar tanto

A «teoria» da paz social entrega uma ofensa à classe operária. Seu objetivo é impedir a luta por aumento de salário, e defender os lucros da burguesia.

O QUE É O PATRÃO «BONZINHO»

Em benefício da harmonia entre as classes, os falsos profetas da paz social pretendem recorrer também aos patrões como eles devem ser «bonzinhos». Vejamos alguns exemplos:

SEGURANÇA NO TRABALHO — Os bons burgueses são aconselhados a adotar medidas de segurança e higiene nas fábricas. Por que? Por que o operário é um ser humano cuja vida e cuja saúde devem ser defendidas e preservadas?

Não, a saúde e a vida do operário só interessam como fonte de energia, de força de trabalho para dar lucro. No já citado Boletim da C.I.S., o engenheiro Jorge Bueno de Carvalho diz que a segurança no trabalho «é uma boa inversão de capital». Diz que acidentes e moléstias dos trabalhadores são sendo «três e quatro vezes maiores que as indenizações legais». Em resumo, é mais barato evitar um acidente do que pagar a indenização. A proteção à saúde do trabalhador só existe, portanto, na medida em que dá mais lucro

ao patrão. Também aí a paz social não passa de descarada defesa patronal.

O CONTO DA HIGIENE MENTAL

— Outra forma dos patrões serem «bonzinhos» é cuidar da saúde de corpo e de alma de seus operários, dizem os senhores da paz social. Nos Estados Unidos, diz a «Folha da Manhã» de São Paulo, os patrões chegam ao ponto de botar psicólogos à disposição dos trabalhadores. E dá o exemplo do truste Du Pont. Os psicólogos conversam com os trabalhadores, descobrem suas preocupações, preferências e pontos-de-vista e lhes dão conselhos. O chefe desse serviço na Du Pont é um tal de Woodward tem podido até servir de farol que permite à companhia atenuar em tempo possíveis tensões, que talvez passassem despercebidas até criar situações mais graves.

E' claro: de seu consultório «amigo da onça», esse sujeito descobre que há tensões, isto é, que os operários estão descontentes, revoltados, dispõem-se à luta. E comunica à companhia, delata, cita nomes. O mesmo objetivo têm os exames psicotécnicos, os testes, questionários do SESI, do SESC, do SENAI, etc. O psicólogo não passa dum refinado policial. E' um inimigo encoberto pelo manto da paz social.

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO — Os homens da paz social afirmam que há pobreza e miséria porque o trabalho rende pouco e rende pouco porque é mal organizado. Com melhor organização do trabalho haverá mais riqueza e haverá paz social. Um tal Morel M. Reis da «Folha da Manhã» de São Paulo, dá os Estados Unidos como exemplo. Por efeito mágico da organização do trabalho diz ele que os operários «em muitos contratos de trabalho admitem mesmo a redução do pagamento se as estatísticas oficiais acusarem redução do custo de vida».

Mas que é essa organização do trabalho? E' o modo de extrair o máximo da força física, da inteligência e da vivacidade do trabalhador. E' a intensificação extrema do trabalho de modo que a produção de uma hora seja maior do que a de duas, três e mesmo quatro horas normais. Assim a paz social propaga a balela de que o trabalhador ganha mais se trabalhar mais intensamente, quando na realidade ele está produzindo mais lucros para o patrão. A paz social não visa, portanto, defender os lucros do patrão apenas, mas justificar um meio de aumentá-los ao máximo.

O REARMAMENTO MORAL

«Patrões e operários podem

viver sem conflitos», diz o americano Frank Buchman, fundador da organização policial «Rearmamento moral». Os que pregam o «rearmamento moral» para os trabalhadores são os mesmos que cuidam do rearmamento com canhões, aviões a jato e bombas atômicas, de hidrogênio e cobalto. Um deles é Paul Hofman, dono da Studbaker e que já foi administrador do Plano Marshall, outro é Robert Schuman, homem do «pool» do carvão e do aço na Europa Ocidental, outro é Adenauer, a quem os americanos confiaram a reorganização dos exércitos de Hitler para lançá-los contra a União Soviética.

O «rearmamento moral» é ensinado nos quartéis da Alemanha Ocidental por oficiais nazistas, é ensinado nas forças aéreas da Inglaterra. Essa organização mantida pelos americanos envia equipes de trabalho para lugares em que há distúrbios de fundo político ou trabalhista.

Aqui, a paz social se mostra de corpo inteiro: paz social para fazer a guerra.

OS «SOCIALISTAS» ADEREM A GETULIO

Velasco, outro pregoeiro da paz social, adere a Getúlio a pretexto de «ir às massas», enaltece o fazendeiro Jango Goulart que prega a operários em greve «o entendimento entre as partes em litígio». Com seu parceiro de «O Popular» Francisco Mangabeira, faz céro nos elogios ao tubarão Euvaldo Lodi, distribuidor das gorjetas do SESI em nome da paz social.

«O erro dos comunistas, diz Mangabeira, não está, em absoluto, em mostrar os males da economia atual. Está no seu materialismo; está em combater os males do capitalismo por males ainda piores: o incêrvido à violência e à violenta luta de classes (até chegar ao Poder)».

Ela, suma: permita-se criticar o capitalismo, mas reprimam-se a luta de classes. O que vale é a paz social. As coisas não podem chegar ao ponto da derrubada do regime atual, da sua substituição por um novo poder. A luta pode existir até o limite em que não comprometa os privilégios do sr. Lodi e o poder dos tubarões repre-

sentados por Getúlio. O socialismo dessa gente é uma acomodação com o atual estado de coisas. A luta serve a paz social.

As greves e lutas crescentes da classe operária mostram que o proletariado brasileiro não se deixa enganar. A luta de classes se aguça em nosso país. A classe operária não tem o menor interesse em atenuar o choque. Muito pelo contrário, pois os trabalhadores nada têm a perder a não ser as algemas.

RESPONDENDO AO LEITOR

O QUE É LUCRO?

O leitor Raimundo Almeida, de João Pessoa, enviou a pergunta que serve de título a esta matéria. Damos a seguir a nossa resposta ao leitor.

Todo mundo sabe que, ao montar um negócio, o capitalista tem em vista ganhar dinheiro, conseguir lucros. E conseguir lucro é o motor do interesse de todos os capitalistas: — não há capitalista que se interesse por uma atividade que não lhe dê lucros. E todos já ouviram tanto falar em lucro que muitos consideram o lucro como uma coisa natural, que está na ordem das coisas, quase como um «direito» líquido e certo do capitalista.

Mas, que é o lucro? De onde vem o lucro?

Se o capitalista vai produzir tecido ele compra teares, compra fio, e contrata o trabalho de um operário. Gasta com tudo isso, digamos, 1.000 cruzeiros. No fim, uma vez produzido o tecido, vende a mercadoria por 1.200 cruzeiros. Ganhou 200 cruzeiros. Como se deu esse milagre?

Pode parecer que esse lucro se deve à «habilidade» do capitalista ao fazer negócios. Conseguiu vender mais caro, talvez, e ganhou com isso. Mas se todos os capitalistas fizessem isso, o que cada um ganhasse ao vender, perderia ao comprar. Nenhum teria lucro. No entanto, todos eles têm lucro.

Será talvez o trabalho das máquinas que produziu o lucro? Ou o fio? É verdade que os capitalistas alegam isso. Mas é só para enganar. Todo mundo sabe que tanto as máquinas, como a matéria prima, se ficarem abandonadas, se não forem fecundadas pelo trabalho do operário, acabam se estragando, não produzem nenhum lucro. As máquinas e as matérias primas transferem seu valor (o preço pago pelo fio é incluído no do tecido), ou parte de seu valor (o desgaste da máquina ao ser usada na produção entra no preço do tecido) para a nova mercadoria produzida. Não há aí nada que explique o lucro, o que o capitalista ganha ao vender o tecido.

— «E meu trabalho de diferença?», alega o capitalista. Se esse trabalho realmente existisse entraria nas despesas de produção, nos 1.000 cruzeiros reservados anteriormente para produzir o tecido e não justificariam que o tecido valha mais do que se gastou na sua produção.



Os magnatas lanques são os maiores propagandistas da paz social. Ela na prática: policiais lanques espancam operários grevistas nos Estados Unidos da América

O LUCRO É O TRABALHO NÃO PAGO

No entanto ele vale mais. Qual é a explicação? Resta apenas o trabalho do operário. Mas esse trabalho também não foi pago? O operário não recebeu seu salário?

É verdade que recebeu. Mas o salário não paga o trabalho realizado. Aí é que está a explicação do milagre do lucro. Com o salário, o capitalista paga ao operário para que ele possa comer, vestir, morar, etc. E geralmente muito abaixo das verdadeiras necessidades do operário. Essas necessidades, que o salário diário representa, correspondem a umas tantas horas de trabalho do operário. Um dia de trabalho, por exemplo. Mas, na prática, o capitalista não permite que o operário trabalhe somente quatro horas. Diz que contratou com o operário um dia de trabalho e exige um trabalho de oito horas e, sempre que pode, arranja um meio de prolongar a jornada de trabalho. Desse modo ficam umas quatro ou mais horas de trabalho que não são pagas pelo capitalista. Desse trabalho não pago, mas que também produz mercadorias, é que sai o lucro do capitalista.

Final, não há nenhum milagre. O caso é que uma parte do trabalho incluído no tecido (como em qualquer mercadoria) representa trabalho remunerado; a outra parte do trabalho é trabalho não remunerado, e que em Economia se chama de mais-valia. Essa é que é a origem do lucro.

O interesse permanente dos trabalhadores só pode ser acabar com a exploração, a que estão submetidos, isto é, acabar com a existência da parte não remunerada do trabalho, acabar com a mais-valia, com o lucro.

Ao mesmo tempo, nas suas relações diárias com os patrões, os trabalhadores têm interesse imediato em aumentar os salários para melhorar suas condições de vida, para contrabalançar um pouco o aumento da exploração e da carestia.

AUMENTAR OS SALÁRIOS NÃO OBRIGA A ELEVAR OS PREÇOS

Mas, aumentar os salários

significa reduzir os lucros dos capitalistas. Para amortecer a luta por aumento de salários os patrões procuram difundir as maiores falsidades. Por exemplo, a de que todo aumento de salários produz aumento de preços. Será verdade?

Como o aumento dos salários tende a diminuir os lucros, é claro que os capitalistas procuram compensar os aumentos de salários aumentando os preços. Eles podem fazer isso porque, tendo seus salários aumentados, os trabalhadores compram mais mercadorias. A procura aumenta e exerce uma certa pressão para aumentar os preços. Mas isso só acontece com os produtos de primeira necessidade. Não acontece a mesma coisa com os produtos que não são consumidos pelas grandes massas. Os capitalistas que exploram esses ramos não conseguem aumentar os preços na mesma proporção. Com isso diminuem os seus lucros. Que fazem eles? Aplicam seu dinheiro nos ramos que estão dando lucros mais elevados, nos ramos que puderam aumentar os preços de venda. Com isso aumenta a produção dos gêneros e de todos os produtos de primeira necessidade e os preços tendem a baixar novamente.

Por que, então, não acontece isso no Brasil? Por que aqui outros fatores estão impedindo esse resultado. Quais são esses fatores? O principal é a política de guerra do governo. Os latifundiários e grandes capitalistas apostam na guerra que os imperialistas preparam. Dão preferência à produção e exportação de materiais de guerra (munições, áreas monazíticas, etc.). A política do governo leva a aumentar as dificuldades de abastecimento da população, a aumentar a carestia.

Por isso, ao lutar por aumento de salário, os trabalhadores vêm que é necessário lutar também pela paz, pela libertação do Brasil do imperialismo americano, contra esse governo e esse regime de exploradores do povo, de traidores à pátria, de preparação de guerra, e por um novo regime que seja verdadeiramente do povo.

Nos 4 Cantos do Mundo

O «EXITO» DE ADENAUER

Para garantir o «éxito» de Adenauer nas últimas eleições, foi necessário a seguinte mobilização:

- 1) — Colocar toda a força policial da Alemanha, composta de mais de 100 000 policiais em estado de alerta.
- 2) — Divisões especiais de guardas de assalto, equipadas com potentes canhões de água e carros blindados.
- 3) — Duas entidades neo-nazistas da Juventude — A Liga Alemã de Desportos e o Circulo Juvenil Federal, que dizem ter 4.500.000 membros.

Adenauer ainda usou do processo de eleições fraudulentas. Os partidos oposicionistas que conseguiram menos de 5% do total de votos, ficaram privados de cadeiras no «Bundestag». Assim, o partido católico do «centro» obteve um terço dos votos do Partido Comunista, teve três cadeiras no Parlamento, e o Partido Comunista nenhuma.

Os partidos oposicionistas, conquistaram oito milhões de votos.

RELAÇÕES CHILENO-SOVIÉTICAS

O presidente Ibanez, seguindo o exemplo da Argentina, assinou um decreto, referendado pelo chanceler Oscar Fener e pelo ministro da Economia, sr. Rafael Tarud, anulando os decretos do governo anterior, que impediam o comércio com a União Soviética e as democracias populares.

MANIFESTO DO TUDEH

O editorial do órgão central do Partido Tudeh, que circula clandestinamente, depois do golpe de estado organizado pelos imperialistas lanques, faz um apelo à população iraniana que não se deixe intimidar pela repressão e pelo terror e que se mantenha pronta para passar à ação a qualquer momento, por todos os meios.

CONCLUÍDA A TROCA DE PRISIONEIRO

Acaba de ser concluída na Coreia, após trinta e três dias, a troca de prisioneiros. Entrando para a ordem do dia a questão dos prisioneiros «refratários» ao repatriamento, a comissão neutra indiana receberá os prisioneiros, conforme os acordos assinados em Pam Mun Jon.

ACORDO FRANCO-EISENHOWER

O embaixador americano na Espanha, em conferência com Eisenhower declara que as conversações hispano-americanas são satisfatórias. Trata-se da autorização aos Estados Unidos para a construção de bases em território espanhol. Franco e Eisenhower assinarão um tratado.

Em Marcha Para o III Cong. Sindical Mundial

Os trabalhadores das Indústrias de Bebidas e Madeira elegeram a operária Irene Cooper, para os representar no III Congresso Sindical Mundial.

Para as despesas da viagem de sua delegada os trabalhadores, resolveram instituir a campanha de um dia de salário.

Os trabalhadores gráficos de capital gaúcha, elegeram para representá-los no III Congresso Sindical Mundial, o operário Gabriel Quintana, presidente do Sindicato.

Em assembléa geral, foi eleito delegado ao III Congresso Sindical Mundial, o trabalhador José Lopes Carmos, que representará os operários da Construção Civil de Santo André.

Ferem eleitos 19 delegados parlistas, ao III Congresso Sindical Mundial, que são os seguintes: Genesio Moreti, representante dos metalúrgicos de Santo André; Remo Forli, presidente dos metalúrgicos de São Paulo; Nelson Rustici, presidente dos Têxteis; Antônio Chamorro, líder têxtil; Eloi Thyrso Alvares Sobrinho, diretor dos Ferro-

vários Santos-Jundiaí; vereador Hary Normanton, dos Ferroviários Paulistas; José da Rocha Mendes, dos Gráficos; vereador Eduardo Barnabé, dos Ferroviários da Mogiana e pelos 17 sindicatos de Campinas.

Os delegados eleitos, representam cerca de 100 organizações sindicais e mais de 500 mil trabalhadores.

Em assembléa realizada no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, foi eleito delegado observador ao Congresso Sindical Mundial, Francisco Daclio Cesar, da redação da «Folha da Tarde».

A Comissão Executiva da CISCAI já delegou poderes ao presidente do Sindicato dos Gráficos de São Paulo, sr. José Greco, para representá-la no Congresso Sindical Mundial.

A Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, em sua última reunião de diretoria, deliberou dar o seu apoio oficial, ao envio de uma delegação brasileira e designar delegados observadores. Além do presidente sr. Freitas Nobre, deverão assistir ao Congresso mais dois diretores na qualidade de observadores.

Relações com a U.R.S.S., Exigência de todo o povo

HOJE em dia, partem de todos os recantos do país solicitações no sentido de reatamento de relações entre o Brasil e a União Soviética, a China e todos os países da Europa e da Ásia que, libertos da exploração capitalista, enveredaram definitivamente pelo caminho da construção socialista.

Assim fizeram, por exemplo, os industriais reunidos em São Paulo, em Congresso recente, e assim agem jornais conservadores como o «Diário de Notícias». A mesma linguagem é usada pelo Presidente do Sindicato do Comércio Atacadista de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro, sr. Nino Gallo, e por deputados das mais diversas correntes políticas, como o sr. Bilac Pinto, da UDN, Alberto Bottino, vice-líder do PTB, na Câmara Federal, Nelson Carneiro, Eusébio Rocha, e muitos outros.

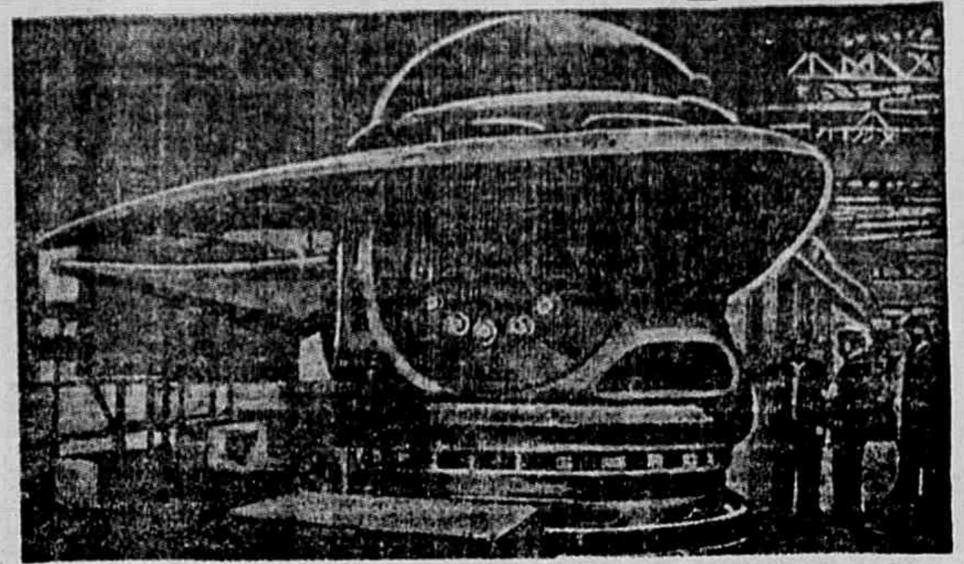
A questão já foi abertamente apresentada à Câmara Federal e um silêncio profundo reinou mesmo entre os deputados que mais servilmente repetem os argumentos dos seus amos norte-americanos. O líder da maioria teve de permanecer calado e nenhum dos habituais porta-vozes de Catete articulou sequer uma palavra para rebater os argumentos expendidos. Esses argumentos não puderam ser respondidos pela simples razão de não existir um só motivo sério para a limitação dos mercados exteriores do Brasil. Pelo contrário, existem todos os motivos para a imediata expansão.

POR QUE ROMPEMOS COM A UNIÃO SOVIÉTICA?

Não precisávamos ter chegado a um estado como esse, quando os ecônômos se acumulam por falta de preços, e de mercado capitalistas, aumentando a catástrofe nacional que se deve à dominação imperialista e à estrutura feudal-burguesa do regime em vigor.

O que ressalta da atual situação é que, como sempre proclamaram os comunistas, o rompimento com a União Soviética foi um ato de submissão ao estrangeiro, uma imposição do Departamento de Estado. Fechando-nos as portas dos países democráticos, os trustes norte-americanos ficaram inteiramente livres para ditar os preços de nossos produtos, e isolar os politicamente. Essa política usada em relação ao Brasil, foi, ao mesmo tempo, posta em prática no Chile e em outros países satélites dos Estados Unidos.

Além de, por esse meio, reforçarem seu domínio econômico e político sobre nos-



A URSS produz moderníssimas turbinas para obras hidroelétricas. A importação desses e outros produtos industriais seria de fundamental importância para a emancipação do BRASIL.

pátria, os trustes americanos passaram a vender, por bom preço, nos países democráticos, parte dos produtos que nos extorquiam e continuam extorquir. Melhor que no ditado, conseguiram matar três coelhos com uma cajadada.

GETULIO CONTINUA DUTRA

Os Estados Unidos que monopolizam nosso comércio exterior estão comprando menos e a preços piores. Em consequência não temos dólares para realizar importações. Os americanos nos apertam a corda ao pescoço. Penhoram o ouro brasileiro, estrangulam nossa indústria e impedem-nos empréstimos de

Tudo isso é feito por intermédio de Getúlio, que é um fiel sucessor de Dutra, como Dutra foi fiel sucessor de Getúlio. Diante da situação catastrófica de nosso comércio exterior, o que fez o governo? Segue o caminho defendido por Oswaldo Aranha, conhecido porta-voz dos trustes americanos, o grande pirata da banca e dos «jeeps», o homem que no passado negociou os «Acordos de Washington». Falando como ministro de Getúlio, Aranha exige um regime de austeridade, isto é, um regime de congelamento de salários e de economia dos serviços fundamentais. Enquanto isso, joga com o câmbio, para ganhar milhões, e para facilitar a exportação de lucros retidos dos trustes americanos.

Para essa gente, as dificuldades têm sua origem na falta de dólares. Então, dizem, o jeito é arrancar dólares de qualquer maneira. Tratam, portanto de apressar a entrega das riquezas de nos-

so solo e de negociar empréstimos cada vez mais lesivos, que é o povo que tem de pagar.

Getúlio, Aranha e os grandes negociistas sabem muito bem que tais medidas prejudicam o Brasil. Mas não estão aí para procurar soluções nacionais. Instalaram-se, há vinte e tantos anos no governo para ganhar dinheiro e cuidar de seus privilégios e disso é que tratam realmente.

HÁ mais de um ano estão em poder do governo prepostas concretas do país: do campo democrático, visando a compra de produtos nacionais. Nenhuma medida foi tomada até agora e a situação só se tem agravado por essa atitude criminosa.

A União Soviética pode fornecer-nos trigo, cimento, carvão, produtos petrolíferos, equipamentos para mineração de carvão, máquinas, ferramentas de todos os tipos, motores Diesel ou elétricos, locomotivas, caminhões, automóveis, equipamentos completos para a indústria do petróleo, etc. Pede, em troca, café, cacau, arroz, couros e lã.

Ofereceu-nos a Polónia, para iniciar, 200 a 300 mil toneladas de carvão em 1952, propondo-se a, nos anos subsequentes, cobrir todas as necessidades nacionais. Está também pronta a fornecer cimento, máquinas e outros artigos secundários. Em troca, pede algodão, lã, couros, quebraço, cacau, café e, eventualmente, minérios de ferro.

A República Democrática Alemã pretende comprar algodão, lã, couros, arroz, café, cacau, fumo, diamantes industriais, óleos vegetais, tecidos. Oferece óleo diesel, gasolina, equipamento para a indústria do petróleo, instalações para extrair derivados de carvão ou de xisto betuminoso, fábrica de pasta para papel, equipamento para fabricação de borracha sintética, locomotivas, vagões, automóveis, caminhões, maquinaria agrícola e têxtil.

A Rumânia apresentou propostas de venda de óleo combustível, gasolina, cimento, sondas para extração de petróleo e trigo. Deseja obter algodão, sisal, couros, cacau, café e lã fina.

A Hungria pretende adquirir algodão, lã, couros, café, cacau e fornecer instalações frigoríficas, máquinas agrícolas e tratores, motores elétricos, locomotivas elétricas e diesel, ônibus, caminhões e trigo.

A Tchecoslováquia deseja receber algodão, couros, minérios de ferro, sisal, lã, diamantes industriais e ofere-

nos maquinaria de toda a espécie.

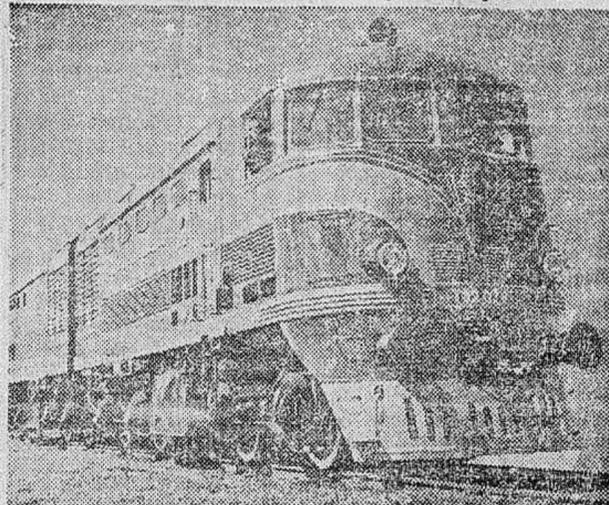
O GOVERNO SABOTA O COMERCIO

Embora tenha relatório circunstanciado de todas essas prepostas, desde junho de 1952, o governo de Getúlio não comercializou com nenhum desses países. Continua a falar da falta de dólares e a apresentar suas soluções entreguistas. Entretanto, para todos esses negócios, não há necessidade de dólares e os produtos solicitados estão encaixados por falta de mercados capitalistas.

As relações comerciais e diplomáticas com os países democráticos da Europa e da Ásia interessam a todos os brasileiros que não agem como testas de ferro dos norte-americanos. Economicamente permitirão desafogar a situação precária em que se encontram vários setores da lavoura e da indústria. Aos industriais e comerciantes possibilitarão negócios rendosos e aos trabalhadores mais amplo mercado de trabalho e barateamento de alguns gêneros. Politicamente serão fator de democratização, pelo fortalecimento daqueles setores da burguesia que não são escravizados aos monopólios americanos, e um passo para as relações amistosas com os países do campo da paz e da democracia, fato de grande significado para todo nosso povo.

Para agradar aos lanques é que Getúlio dificulta o reatamento de relações com a URSS e as democracias populares, embora não encontre argumentos para defender publicamente sua política. Desse modo, conforme revelou o deputado conservador Bilac Pinto, embora a Tchecoslováquia se proponha a pagar melhores preços do que os americanos pelo minério de ferro brasileiro, e apesar de tais produtos constarem do Acordo comercial em vigor, o Itamarati continua dificultando a operação.

Entretanto, a política de condenar-nos ao isolamento econômico, imposta pelos americanos e docilmente executada pelo governo do fazendeiro Vargas pode ser derrotada. Contra ela erguem-se diariamente novos setores e avolumam-se os protestos contra a bancarrota comercial a que chegamos. Hoje, em todo o país, há a consciência de que é preciso quebrar o monopólio americano em nosso comércio exterior e retirar o Brasil de seu isolamento político. E essa consciência é a primeira condição para a vitória que se aproxima.



Potentes locomotivas Diesel, de fabricação soviética, poderão ser adquiridas para o reaparelhamento das ferrovias brasileiras. O clichê apresenta uma das mais modernas locomotivas do parque ferroviário da URSS, e mais importante do mundo.

FOR UM AMPLO DEBATE PATRIÓTICO
**CONVENÇÃO PELA
 Emancipação do Brasil**

A passagem da data da independência nacional foi oportunidade para que duas manifestações diferentes fossem dirigidas ao povo brasileiro. Uma, a dos patriotas que lutam pela soberania nacional, a outra, a que veio dos porta-vozes das classes sociais caducas, entreguistas e traidoras da pátria; uma, ocultando os graves problemas desta hora, a outra, dizendo a verdade para que o povo brasileiro decida conscientemente seu destino; uma, denunciando a corrupção, a traição, o descalabro econômico, mostrando as causas dos sofrimentos do povo, a outra, tentando esconder essas causas e procurando justificar as aflições impostas à Nação. Em suma, opõe-se uma à outra; a voz do patriotismo e a voz da exploração e da submissão ao imperialismo americano.

O discurso de Getúlio, repetindo seus gastos chavões demagógicos, ameaçando e pedindo a «união» em apoio ao governo da carestia, do Acordo Militar, da Lei de Segurança e da Entrega do petróleo. Em contraste com ele, o manifesto de brasileiros de todas as tendências, partidos e profissões, clamando para a realização de uma Convenção patriótica, para forjar a união pelo progresso e a emancipação do país.

AS MENTIRAS DE GETULIO
 Getúlio, em cada palavra, procurou enganar o povo. Ele disse:

1 — As nossas dificuldades constituem prova de vitalidade, resultam do crescimento do país.

E a tese da Light e dos exploradores ianques. A Light diz que há racionamento porque nossa indústria cresceu demais. A conclusão seria que até é bom fechar indústrias.

2 — Os sofrimentos de agora são o pagamento adiantado da prosperidade futura. O governo se preocupa é com o futuro e não com a impaciência das soluções imediatistas.

Outra promessa que serve aos americanos. Agora, os trustes arrancam o máximo de lucros, levam o manganês e o ferro, os minerais atômicos, tudo. No futuro, os brasileiros ficarão com os buracos.

3 — O governo aprecia as críticas da imprensa.

De que imprensa? Pois a realidade é que «O Momento» da Bahia está com as oficinas ocupadas pela polícia, é que o jornalista Haroldo Gurgel foi assassinado em Goiânia, o jornalista Antonio Barbosa foi assassinado em Catalão e o jornal «O Catalão» acaba de ser empastelado e incendiado pelo governo.

4 — O povo deve ter confiança nos seus governantes.

Por que? Em troca de que? Governantes que aumentam os preços e assassinam operários grevistas, assinam o acordo militar, projetam e procuram impor a Petrobras, que instituem o câmbio livre em favor dos monopólios americanos, etc. etc. governantes assim não merecem confiança alguma, merecem ser postos abaixo.

AS VERDADES DO POVO

O Manifesto patriótico não foge da realidade: agravamento sem precedentes da situação econômica, restrições crescentes à nossa soberania, Acordo Militar, ameaça ao petróleo, os minérios carregados para o exterior, produção de alimentos em decadência, estradas caindo aos pedaços e sobrecarregadas com o transporte de minérios, carestia da vida sem precedentes.

Tal a realidade que causa profunda inquietação patriótica e diante da qual não há nenhuma providência do governo, para pôr termo à situação.

Por isso, impõe-se amplo debate dos problemas nacionais, no qual as diversas correntes apresentem patrioticamente suas opiniões, unidas pelo laço comum e ideal de verdadeira independência e progresso do Brasil. Uma grande Convenção propiciará essa oportunidade.

Este apelo veemente é feito por numerosas personalidades e repercute profundamente em todo país, em todas as camadas do povo. A Convenção será, sem dúvida alguma, um passo importantíssimo na luta por melhores dias, pelo progresso e independência da Pátria.

GRANDES MAQUINAS PARA GRANDES OBRAS

**A Escavadora - Aperfeiçoada
 Carrega 50 Vagões Por Hora(*)**

E. BABKOV

preparar dois tratores de 140 CV.

UMA estranha máquina se desloca no fundo do canal que ela própria vai abrindo. Seu princípio é análogo ao do «scraper», no sentido de que ela recorta uma fatia de terra. Mas o «scraper» apanha a terra na concha e a deposita a uma certa distância. Trabalha por etapas: abastecimento da concha, transporte, despejo, volta ao lugar de trabalho. A máquina de que estamos falando trabalha sem qualquer interrupção: a fatia de terra arrancada passa imediatamente para um transportador, depois para outro, ambos anexos à máquina, e é despejada alguns instantes depois a várias dezenas de metros do canal que está sendo construído.

Esta máquina, designada pelo número de classificação «D-264», é uma nova realização da técnica soviética, uma poderosa arma na ofensiva contra a natureza. Foi concebida e realizada pela fábrica de máquinas para estradas Ossipenko em colaboração com o Instituto de Pesquisas Científicas para a Construção de Máquinas para Obras e Estradas.

O rendimento deste novo terraplano-gigante supera o de todas as máquinas de terraplano de que dispõem atualmente os construtores soviéticos. Inclui uma escavadora-voante de 14 metros cúbicos e a draga «1.000-80». Seu cubo de aço desce por hora 2.000 metros cúbicos de terra (o volume de um cubo tendo cerca de 13 metros de lado), que os transportadores vão retirando sem perda de tempo para uma distância de 45 metros. E se trata apenas de um primeiro modelo, destinado a experiências para a construção de uma máquina de muito maior capacidade!

A «D-264» se destina à abertura de grandes canais

de irrigação e de canais navegáveis, ao trabalho em construção de reservatórios e em outras escavações importantes, bem como para a construção de barragens. Mas pode também ser utilizada na construção de estradas, para explorar jazidas a céu aberto, etc.

A terra retirada pode ser simplesmente despejada ou transportada para mais longe por caminhões e vagões. O caminhão-gigante de 25 toneladas «MAZ-525», construído pela fábrica de automóveis de Minsk, é o mais indicado para trabalhar com a escavadora-aperfeiçoada. Contudo, mesmo sem trabalhar a plena capacidade e contentando-se com a extração de 1.200 metros cúbicos de terra por hora, ela carrega um caminhão em cada 47 segundos. Em uma hora pode carregar um trem de 50 vagões.

O tamanho da fatia de terra escavada varia de 50 centímetros a 3 metros, e sua espessura de 10 a 60 centímetros. Pode ser adaptada à máquina uma lâmina vertical de 3 metros para trabalhar em paredes quase a pique.

As partes essenciais da escavadora-aperfeiçoada são constituídas por 3 lâminas que cortam, nivelam e fazem o carregamento da terra. Essas lâminas são movimentadas por um cilindro hidráulico localizado sobre a cabine rebocada pela máquina. Um dispositivo especial de eleva-

ção e articulação garante o trabalho em todas as posições e o deslocamento de um lugar para outro, e permite que o transporte por via férrea seja feito sem desmontar a máquina. Quando está trabalhando, a «D-264» é toda ela dirigida da cabine do tratorista.

Para o trabalho nos terrenos de consistência média, a escavadora-aperfeiçoada e rebocada por um trator de tipo industrial de 140 CV ou por dois tratores «S-80». Nos terrenos duros é necessário em-

A primeira dessas máquinas já entrou em serviço. Mas ela está longe de ser a última palavra da técnica soviética. Outras máquinas, ainda mais complexas, de mais fácil manejo e de rendimento superior, já estão em estudo e breve estarão construídas, poupando o esforço da sociedade e facilitando o trabalho dos cidadãos soviéticos.

* Reproduzido da revista «Études Soviétiques», n.º 62, 1953.

Federação no Brasil

DIA 2 — É lançada, em Porto Alegre, num comício em praça pública, a campanha em favor das negociações. — Entram em greve no Distrito Federal cerca de trezentos trabalhadores da Indústria de Calçados.

— Os trabalhadores gráficos de Porto Alegre, depois de um mês de greve retornarão ao trabalho vitoriosos, com a conquista de 20% de aumento sobre os salários de 1952.

DIA 3 — 26 deputados da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, em entrevista com o matutino popular «A Tribuna» pronunciaram-se favoráveis ao reatamento de relações comerciais com a União Soviética.

— Mais dois anos de racionamento de energia elétrica, foi o que declarou o superintendente da Light, em entrevista aos jornais desta capital.

DIA 4 — É assassinado em Goiás, o jornalista Antonio Barbosa, redator-chefe do jornal «O Catalão», órgão da imprensa popular. O povo desta cidade responsabiliza pelo crime praticado, o Governador do Estado.

— A Câmara Municipal de Olinda pronunciou-se favoravelmente a campanha pelo entendimento aos problemas internacionais em litígio.

DIA 5 — Os deputados federais Osvaldo Orico, Nelson Carneiro e Euzébio Rocha pronunciaram-se pelo reatamento das relações comerciais e diplomáticas com a URSS.

— Instala-se em Fortaleza a Comissão Estadual, da Campanha dos 15 milhões de cruzeiros para os jornais populares de todo o Brasil.

DIA 6 — Jovens operários de 6 fábricas metalúrgicas desta capital, votam em favor da campanha por entendimentos pacíficos entre as nações.

— Numeroso grupo de personalidades, líderes sindicais, deputados, vereadores, oficiais superiores, etc. lançam um manifesto proclamando a nação para a realização de uma CONVENÇÃO, para a luta contra o Acordo Militar, pela Independência Nacional. — Em defesa do petróleo e dos nossos minérios. — Contra o racionamento de energia elétrica, em defesa da indústria brasileira. — Contra as restrições impostas ao nosso comércio exterior, pela elevação do nível de vida do povo.

DIA 7 — Durante os festejos de 7 de Setembro, o sr. Araral Pereira, Governador do Estado do Rio, foi estrondosamente vaiado pela massa popular.

DIA 8 — Entre as resoluções aprovadas na I Conferência dos Trabalhadores Agrícolas, destaca-se o confisco da terra dos latifundiários e das companhias estrangeiras.

— Pedimos às Sucursais e Agências o favor de remeter com urgência dados completos sobre suas atividades, a fim de no próximo número publicarmos os resultados da primeira apuração.

O Estado do Rio, talvez sofrendo a benéfica influência, lançou também um.

DESAFIO ENTRE QUATRO GRANDES

Niterói, Petrópolis, Magé e Barra Mansa, desafiaram-se mutuamente para ver quem consegue a maior porcentagem de aumento até dia 1.º de Novembro.

O prêmio será uma coleção de OBRAS, de J. Stálin, paga pelos perdedores que assim prestarão uma homenagem ao vencedor.

TRABALHAR COM OS PREMIOS DE EMULAÇÃO

O agente de Cornélio Proença foi o vencedor de um dos grupos da Sucursal de São Paulo na emulação passada.

Ac receber os prêmios que fez jus, não os guardou em

sobre novos aumentos ou forneceu os dados necessários para a contagem de pontos.

Isso causa estranheza especialmente no caso da Sucursal de Porto Alegre que juntamente com a de São Paulo venceu a emulação passada. Pa. ecc até que resolveu dormir sobre os louros... o que não é nada bom, pois outros lhe passarão à frente.

MAS, NO DISTRITO FEDERAL, A COISA É DIFERENTE

Enquanto isso acontece com as Sucursais, no Distrito Federal a emulação «pega fogo». Sôzinho na pista, pois os outros disputantes não dão sina de vida, o Distrito Federal vai avançando na base de uma série de desafios entre as suas Agências.

Hoje publicamos apenas um deles, como «amostra»

AVANÇA O DISTRITO FEDERAL NA EMULAÇÃO K. GOTTWALD

No Estado do Rio, desafio entre os quatro grandes — Enquanto isso, Porto Alegre e São Paulo dormem sobre os louros...

Estamos praticamente vencendo os quinze primeiros dias da emulação Klemente Gottwald. Entretanto, excetuando o aumento de tiragem efe-

tuado por ocasião do número dedicado ao 10.º Aniversário da Conferência da Mantiqueira, nenhuma Sucursal ou Agência se manifestou ainda

LIGHT X BANGU

A Light desafia Bangu para até o dia 1.º de Novembro dobrar a cota atual. Será declarado vencedora a agência que o fizer em primeiro lugar.

O prêmio deve ser sugerido pelo desafiado: Bangu.

Disse-nos o agente de Bangu que a Light está muito enganada se pensa que a vitória lhe pertencerá... Vejamos, vejamos...

O farmacêutico Walter D. Phillips foi morto a tiros num domingo, às dez da noite, quando se achava em sua própria residência. Os vizinhos não deram importância aos disparos. É que o programa de televisão «O caso do anjo da guarda» a que Phillips e toda a vizinhança assistiam naquela noite, tinha um tiroteio tão animado que os disparos dos assassinos do velho farmacêutico ficaram simplesmente confundidos com aquele canhoneio.

Os criminosos — eram dois — foram detidos ao sair da casa de mister Phillips. Um quarto de hora depois estavam diante do inspetor Hartley, na delegacia de polícia. Era um crime corriqueiro, um dos milhares de crimes que são cometidos diariamente nos Estados Unidos. O inspetor estava caceteado. Antes de começar o interrogatório do rapaz e da moça pilhados em flagrante, chamou o reporter policial Manson. Quando qualquer criminoso era levado à polícia, o inspetor telefonava a Manson, que vinha logo e depois enviava uma reportagem sensacional pelo menos para cinco jornais.

Enquanto esperava Manson, o inspetor olhava os criminosos despreocupadamente. O rapaz aparentava uns vinte anos. Ela, não mais de dezoito. Os dois mastigavam chicletes, tranquilos, percorrendo a sala com o olhar...

Manson demorava. Talvez nem viesse por ter farejado algo mais interessante. Por isso, o inspetor decidiu iniciar o interrogatório. Tomaria nota de tudo. Com exatidão e com toda espécie de pormenores, do jeito que Manson gostava de fazer.

Depois das primeiras perguntas, uma vez esclarecido que o jovem era estudante e se chamava Frank James e a moça, Bessie Benton, manequim dos grandes magazines Woolworth, o inspetor Hartley convidou-os a relatar o que fizeram no domingo, antes do assassinato do farmacêutico.



PARA respeitar a exatidão, tomamos a liberdade de reproduzir o interrogatório anotado taquigráficamente pelo inspetor Hartley.

Inspetor — Contem como começaram o dia.

James — O sr. sabe, inspetor, que hoje é domingo, dia de descanso. Levantamos tarde. Lemos durante toda a manhã...

Inspetor — Sim. E que leram?

James — Ontem levei para casa uma montanha de livros, cada qual melhor... «A filosofia da loucura», «O cadáver dos dedos pegajosos», «A serenata do estrangulador», «Lady, não morra no portal de minha casa»...

Bessie — (continuando a enumeração) «A morte a crédito», «Desejamos boa sorte ao cadáver», «Acima de tudo, o assassinato», «Carregue meu caixão com cuidado»... E que mais? Ah! sim! «O assassinato em preto e branco», «A mortalha da vovó»...

Inspetor — Mas qual deles leram, de fato?

Bessie — (com calor) Eu li a novela policial de Agatha Christie «O san-

O modo de vida americano

DOMINGO É DIA DE DESCANSAR...

O INSPETOR DE POLÍCIA HARTLEY INTERROGA MINUCIOSAMENTE FRANK JAMES E BESSIE BENTON, ASSASSINOS DO FARMACÊUTICO WALTER D. PHILIPS

Reportagem satírica de BORIS LASKIN

que o dirá. É um livro estupendo. O detetive Poirot tem que esclarecer o mistério dum assassinato pelo qual uma pessoa foi condenada à força. Não há nenhuma prova. Mas, de repente, o detetive encontra o recorte dum jornal com a notícia do desaparecimento de três mulheres. Agora já sabe quem é a autora do crime. Vai à sua casa, mas já a encontra morta... Então...

Inspetor — Basta!... (Voita-se para James) E você, o que lia?

James — O «Triplice Perigo» de Rex Stout... Uma esplendida novela policial. Nela atua o detetive Nero Wolfe. Uma morena confessa ter matado um policial. É preciso averiguar se é mentira, um delírio, ou se disse a verdade. Toda a graça consiste em que se deve resolver o assunto em seguida, antes que se produza outro assassinato, compreende o sr., inspetor?... Um livro diabólicamente ameno.

Bessie — A mim esse livro não interessou.

James — É uma questão de gosto. Eu prefiro a verdadeira literatura. E tu só gostas de histórias em quadrinhos.

Bessie — Hoje vi uma nova série de desenhos: «A caça ao homem». Se ainda não viu, inspetor, não deixe de fazê-lo. Que cenas!... Um esqueleto arrasta uma jovem para um caixão de defunto. Metem um homem algemado dentro dum barril de ácido. No desenho, um enorme cachorro destrói um homem; noutro, o homem é devorado por um tubarão... Muito interessante!...

Inspetor — Basta! Portanto, pela manhã leram romances e histórias em quadrinhos...

James — (interrompendo o inspetor) — Ah! esta manhã, a televisão transmitia «A carta pupúrea»...

Bessie — Gostei mais do outro programa: «Comoção nervosa». Ali, sim, é que se tinha o que ver. Minhas mãos tremiam...

James — Tive que dar-lhe um copo de whisky, inspetor. Do contrário, me estrangulava... (Ri).

Inspetor — E que aconteceu depois?

Bessie — Depois fomos passear. Frank me levou a uma exposição de pintura. Os quadros me impressionaram tanto que na saída quase que sou atropelada por um automóvel. Eu só via círculos azuis e amarelos. Na verdade, sr. inspetor, a exposição me deixou tonta como uma galinha num salão de dança... Mas Frank gostou.

James — Sim, havia coisas geniais: o «Dragão» de William Bazcties... todo feito de pedaços... E mais «A ilusão bísca», de Rice Pereira, um conjunto de rombos e zigzagues. E outro quadro no qual se via uma espécie de cabelos ou de palha, não sei bem, tendo no centro um pássaro... É do pintor Graves, que para mim é um gênio...

Inspetor — Isso não me interessa. Conte-me o que aconteceu depois.

Bessie — Depois bebemos um pouco e fomos dançar.

James — Hoje, como o sr. sabe, é dia de descanso.

Bessie — Mas saímos logo. James

comprou um número recente de «Life», onde vimos um anúncio dum ballet. A princípio queríamos ir vê-lo... Como é o nome?

James — (Esforçando-se por recordar). «O lago dos cisnes». Mas logo mu-



damos de ideia. «Life» diz que esse ballet é «um resto mal ajeitado da arte clássica russa». Percebe, sr. inspetor? Russo...

Bessie — E fomos ver um ballet verdadeiro. Chama-se «A jaula»...

James — É de Jerome Robbins. Também o considero um gênio, como ao pinfor esse... já não me lembro como se chama... Nesse ballet um homem-aranha alcança um grupo de mulheres...

Bessie — ... e entre elas escolhe sua preferida...

James — Então, as demais se ofendem e o esquarterjam. Um esplendido ballet. E o que é mais interessante, inspetor, é que não dura mais do que quinze minutos.

Inspetor — E que mais fizeram vocês?

James — Depois de beber algo mais, fomos ao cinema.

Bessie — Não foi tão simplesmente ir ao cinema...

Inspetor — Que quer dizer «não tão simplesmente»?

James — Bessie e eu discutimos. Examinamos os programas e eu lhe propus que descansássemos assistindo na rua 42 o filme «O revolver».

«Não vou, não me interessa — disse ela. É melhor que vejamos «Sob o cano do revolver». Eu lhe digo: «Já vi esta fita. Vamos assistir, então, a «A cidade do revolver». Ai Bessie me disse: «Essa sou eu que já vi. O melhor é irmos ver «O homem do revolver». Digo-lhe: «Essa é muito sem sal, é boa para os pregadores da escola dominical. Anda, vamos ver «O homem que sorri para o revolver». Ela me disse: «Não quero...»

Bessie — Sim, eu não queria. Já tinha visto esse filme. «Frank, digo-lhe, «Annie, puxa teu revolver». E ele me responde: «Não quero. «Disparos de revolver» é melhor». Eu digo: «Pois me agradaria ver «Relâmpagos de revolver» ou a «Conversação dos revolveres». Então ele me diz: «Uma boa fita deve ser «A serenata de seis revólveres.» Contesto: «Essa eu já vi no domingo passado».

James — Basta! — digo-lhe. Vamos ver «Eu matei Jesse James» ou «Eu matei Jeronimo», ou, em último caso, po-

demos ver «Matei o menino Bliff». Vamos passar o domingo escolhendo um filme, e domingo é dia de descanso. Propus que escolhesse entre «Atirar para matar», «Pânico na rua» ou «Princípio do fim»...

Inspetor — E escolheu?

Bessie — Fomos ver «O disco voador», mas tinham mudado o programa e assistimos a «Como sobreviver a um ataque atômico» e «A desaparecimento do cadáver»...

Inspetor — E que aconteceu depois?

James — Depois?... Depois aconteceu que ficamos sem nenhum centavo. E queríamos ir outra vez ao «Museu do Criminosos Célebres». Por acaso, ainda não conhece esse museu, inspetor? Ali está, entre outras coisas, uma estátua de Jim Conacker, que cometeu trinta assassinatos e dezessete assaltos...

Inspetor — Agora isso não me interessa. O que me interessa são vocês...

James — Que possa lhe contar de nós. Pusemo-nos a pensar como conseguir algum dinheiro...

Bessie — Propus a James que fôssemos a um concurso de dança...

Inspetor — Em busca do prêmio para quem dançasse melhor?

James — Não, o prêmio é de resistência... Lembrava-me de Billy e Vivian King, que foram premiados por dançar sem descanso durante várias centenas de horas, quase um mês...

Bessie — Mas um mês é muito tempo...

James — Precisavamos de dinheiro hoje e não daqui a um mês. Hoje é domingo, inspetor, dia de descanso...

Inspetor — Bem, e que aconteceu depois?

James — Depois aconteceu o que o sr. já sabe. Foi exatamente igual a fita «Roubo a mão armada»...

Inspetor — Portanto, confessam que, hoje, domingo, às dez da noite, vocês, Frank James, estudante, e você, Bessie Benton, manequim, mataram o farmacêutico Walter D. Phillips para roubar-lhe?

James — Sim.

Bessie — Sim.



AQUI terminam as notas taquigráficas do interrogatório.

A bem da verdade, comunicamos ao leitor que o jovem norte-americano Frank James e sua jovem amiga Bessie Benton, bem como o inspetor de polícia Hartley, são personagens imaginários.

Tudo o mais — desde os títulos das fitas de cinema, dos programas de televisão e dos desenhos animados até os dados resumidos sobre a literatura e a pintura norte-americana — pode ser comprovado documentadamente. Os títulos foram traduzidos do inglês ao pé da letra.

O vasto «menu» do alimento espiritual que é prodigamente oferecido à atenção do «homem da rua» nos Estados Unidos é reproduzido aqui sem sobra de ficção.

Há Mil e Uma Formas de Ajudar a IMPRENSA POPULAR

O ESFORÇO principal dos ativistas da Campanha dos 15 Milhões Pró-Imprensa Popular está conduzindo a transformá-la numa campanha de todo o povo. Consequentemente, é para as grandes concentrações operárias e camponesas que esse esforço se volta em primeiro lugar, dirigindo-se ao mesmo tempo para as demais camadas da população. As grandes massas populares estão correspondendo entusiasticamente ao ardente apelo dos jornais de Prestes, para que, em todo o país eles melhorem suas instalações para sustentar com crescentes êxitos a luta em defesa da verdade, contra a mentira propagada pela imprensa de aluguel, a luta da paz, contra a propaganda de guerra, a luta por melhores condições de vida, contra os exploradores e agentes do imperialismo que, na «sadia» defendem a política de carestia e miséria de Getúlio e dos seus patrões ianques.

MIL E UMA FORMAS Além das maneiras comuns, através de listas, festas, oferecimento de bonus, leilões, etc., novas formas de angariar contribuições surgem em contacto com a atividade criadora das massas. Por exemplo, muitos colonos, sítiantes ou trabalhadores da roça, embora desajustados para contribuir, não podem fazê-lo em dinheiro. Isso não é empecilho. No churrasco da Granja das Garças, dois sítiantes contribuíram com um boi cada um. Outros ofereceram dúzias de ovos que foram empregados na festa. Outros, inclusive comerciantes, poderão doar café, arroz ou quaisquer outros produtos agrícolas e o farão com muito gosto, porque sabem ver nos jornais populares uma trincheira de luta contra os grandes exploradores das fazendas, os atravessadores, e o governo de inimigos do povo. Organizemos pois, em todo o país, grandes coletas de milhares de contribuintes para ajudar a vitória da campanha.

Arrecadação Nacional da Campanha Pró- Imprensa Popular

S. PAULO	650.289,00
DISTRITO FEDERAL	618.693,00
Estado do Rio	154.000,00
Minas	8.000,00
Rio Grande do Sul	5.000,00
Espírito Santo	2.500,00
Marítimos	263.011,50
Jovens	86.903,00
TOTAL	1.788.396,56

A Todas as Comissões Estaduais da Campanha

A COMISSÃO Nacional Pró-IMPrensa Popular solicita que sejam enviados todos os dados referentes a cada comissão instalada nos Estados, a fim de que seja possível um controle e noticiário completos, bem como a divulgação das experiências. Todo pedido de informações e orientação sobre a Campanha bem como pedidos de material de propaganda devem ser dirigidos à sede da Comissão Nacional, à Rua Gustavo Lacerda, 19, 2.º andar, Rio de Janeiro. As contribuições devem ser enviadas no nome do Sr. Henrique Cordeiro.

FAÇAM SEUS PEDIDOS DE BONUS DA CAMPANHA

Propaganda anti-operária



Eis o infame papel da imprensa da Light e do governo de carestia e de miséria de Vargas! Caluniam os trabalhadores de carvão, que se lançam à luta contra o mais monstruoso truste que explora nosso povo. Tudo fazem para lançar a população contra os operários da Light. Mas não o conseguirão. O povo está ao lado dos grevistas e não a favor da Light. O povo odeia a Light e seus laços como esse lambe-sóla Roberto Marinho que toma essa posição miserável porque não paga um tostão sequer pela energia elétrica com que move suas empresas de propaganda de guerra e de submissão do país aos imperialistas.



MILHARES de pessoas compareceram à Granja das Garças, no Distrito Federal, dia 6 último, quando se realizou a primeira grande festa de massas da Campanha dos 15 Milhões. O suculento churrasco, o desfile das candidatas à Rainha da Imprensa Popular, uma infinidade de divertimentos, o esplêndido «show» e o grande baile fizeram do domingo um dia inesquecível, de festa e de alegria.

IMPRENSA DE PRESTES, IMPRENSA DO PROLETARIADO

No caminho das duras lutas pela sua emancipação, contra a exploração capitalista, principalmente dos trustes ianques, contra a política de guerra que gera a carestia, contra os governos de fome e miséria dos grandes capitalistas e latifundiários a classe operária teve que chocar-se inevitavelmente com a imprensa de aluguel. Mas particularmente a partir de 1945, quando o Partido Comunista fundou a imprensa popular e democrática, a classe operária pôde contar com seus próprios jornais na sua luta contra os patrões e o governo. Em todo o país, os jornais de Prestes, os jornais da verdade e da paz, os jornais da classe operária e de toda a nação brasileira, passaram a desenvolver no terreno da propaganda e da luta ideológica, o importante papel de impulsionar as lutas do povo, quando a propaganda da reação tentava torpedeá-las; de denunciar as violências do governo contra a classe operária, enquanto os jornais da «sadia» procuram justificar esses crimes e colocar a polícia e os patrões como vítimas; de denunciar a entrega do país aos imperialistas ianques enquanto a «sadia» propaga o entreguismo e o envio de nossa juventude para as guerras de agressão.

EIS COMO SE CONDUZEM OS JORNAIS

A Greve Dos 300 Mil de São Paulo

VOZ OPERÁRIA (Em editorial de 11-4-53): «A poderosa greve do proletariado paulista pôe em xeque a política assassina de cruéis canhões e menos manteliga seguida pelo governo de traição nacional de Getúlio em obediência a seus amos ianques. Por isso ela reforça a luta de todo o povo pela paz. Ela enfrenta praticamente o domínio imperialista exigindo que cesse o racionamento decretado pela Light através do governo. Ela luta contra o regime das panelas vazias, chocada com a violência brutal e selvagem dum governo de fome e guerra, o que demonstra que a luta contra a miséria é inseparável da luta pelas liberdades democráticas».

ESTADO DE SÃO PAULO (Em editorial de 19-4-53): Depois de se manifestar contra a greve, clama pela regulamentação do direito de greve, isto é, por uma lei que na prática lance a arma da greve na ilegalidade. E volta-se furiosamente contra a vanguarda esclarecida, organizada e combativa da classe operária, para dizer que «A propaganda comunista a favor da greve não pode passar, e não passa efetivamente, de uma audaciosa manobra para dificultar a vida industrial do Brasil». Nem uma palavra contra a Light, que raciona a energia e arruína a indústria, atirando às costas dos trabalhadores as consequências do desemprego e da redução de salário.

IMPRENSA POPULAR (Em editorial de 9 de abril de 1953): «A classe operária paulista lançou-se no único caminho certo: o caminho da luta. Isto foi acentuado com todo o vigor no grande documento que ontem divulgamos, o Manifesto do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil sobre o movimento grevista de São Paulo. E mais saliente: «Que de nenhum ponto do Brasil deixemos de chegar aos trabalhadores de São Paulo os testemunhos de apoio ao seu combate, as saudações fraternais, e auxílio financeiro, as cálidas palavras de estímulo das quais somente a fraternidade proletária é capaz».

CORREIO DA MANHÃ (Em editorial de 2-4-53): «Basicamente as greves de São Paulo são uma reivindicação de salário, uma exigência de reajustamento dos ordenados e o custo de vida. É difícil prever onde terminaremos, com esse processo fatal de preços forçando a elevação de salários que, por sua vez, majoram os preços». Aí está a tese infame dos patrões com que a «sadia» procura convencer da inutilidade do aumento de salário, chegando ao cinismo de culpar os trabalhadores pela carestia. Quando ao contrário, são os lucros fabulosos dos grandes capitalistas-americanos e brasileiros que atingiram a fabulosa média de 32% em 1952, que de fato são causadores da carestia.

A Greve Nacional Dos Marítimos

IMPRENSA POPULAR (Editorial de 17-6-53): «Ao tomar nas mãos a defesa de seus direitos e a solução de seus problemas mais urgentes, os trabalhadores brasileiros lutam ao mesmo tempo pela solução dos principais problemas do país, por aspirações comuns a todo o povo. Este é o caso da posição clara assumida pelos marítimos em greve, em defesa da marinha mercante nacional que está sendo liquidada pelas concessões sistemáticas do governo aos trustes, às companhias monopolistas norte-americanas». A greve dos marítimos nos mostra que a classe operária brasileira lutando, organizando-se e unindo-se, se coloca cada vez mais claramente à vanguarda do povo para o combate pelo pão, pela paz, a democracia e a independência nacional. E em outro trecho: «Defendem na prática o direito de greve que os governantes procuram esmagar, inclusive com o recurso das forças armadas e também a liberdade sindical, de associação e reunião que Vargas pretende colocar sob o arbítrio de sua Gestapo».

Antes e depois da greve os jornais populares de todo o país deram o apoio que jamais faltará aos valorosos marítimos. Eles formam a imprensa do futuro, da paz, da emancipação da classe operária. Esta imprensa é eterna como o povo.

O JORNAL, do nauseabundo entreguista Chateaubriand. (Editorial de 18-6-53): Começa dizendo que «a paralisação dos transportes pelo mar estrangula o comércio do país», etc. E acrescenta: «Disso poderão decorrer, se se prolongar a greve, consequências inquietadoras que já começam a se fazer sentir e que bastariam para justificar medidas energéticas da parte do governo a fim de pôr termo ao movimento». E' claro que isso é uma pregação de violência contra os grevistas, e não contra os armadores, pois o próprio governo é empregador e não cumpre seus deveres para com os marítimos do Lóide. No editorial do dia 23-6-53, o «O Jornal» lança mais provocações, dizendo «As greves agora são hábilmente preparadas e disfarçadas. Acobertam-nas reivindicações aparentemente legítimas... etc., etc.» Assustam-se Chatô e seus concorrentes à caixinha dos patrões, pelo fato de que os trabalhadores já sentem mais claramente que o governo de carestia e terror de Vargas é o capataz dos exploradores nacionais e estrangeiros.

O repelente vende-pátria Chateaubriand sempre esteve e sempre estará contra as reivindicações do proletariado. Seus pasquins e os outros órgãos da «sadia» formam a imprensa dos trustes e dos patrões, a imprensa da guerra e da escravização. Esta imprensa é «semera» como as classes exploradoras.